

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA DE IECLB – EST

JOEL DE CARVALHO VELOZO

FAMÍLIA CRISTÃ: ESPIRITUALIDADE,
AMOR E VIOLÊNCIA

São Leopoldo

2007

JOEL DE CARVALHO VELOZO

FAMÍLIA CRISTÃ: ESPIRITUALIDADE,
AMOR E VIOLÊNCIA

Dissertação de Mestrado
Profissionalizante
com ênfase em Infância e
Juventude
Para obtenção do grau
de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia.
Instituto Ecumênico de Pós-
Graduação-IECLB

Orientador: Prof: Dr. Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2007

A não-violência é o meu primeiro artigo de
fé e o último artigo do meu credo

Mahatma Gandhi

AGRADECIMENTOS:

Ao nosso Deus Altíssimo autor dos sonhos, da vida, e das realizações; Criador e arquiteto perfeito do universo.

Aos meus pais que foram instrumentos de Deus para me trazer ao mundo.

A Augusta Maria Alves Velozo, minha esposa e meus filhos Thiago Alves Velozo e Felipe Alves Velozo que conviveram, participaram e convivem comigo nos momentos de pressão e expectativa, bem como nos momentos de ausência nos quais fui compreendido e apoiado.

Aos meus onze irmãos consangüíneos que sempre torceram por mim.

Gostaria de destacar ajudas especiais dos meus irmãos: João Velozo, Julieta Velozo, Ana Velozo, Iraci Velozo, Isabel e Aurelina Velozo, que além de apoio e orações tiveram participação especial. Que Deus os recompense.

Agradeço à Igreja Batista da Graça e a Congregação Batista da Federação em Salvador- BA.

Sou profundamente agradecido:

Aos professores que não pouparam esforços na transmissão dos seus saberes, aos colegas e a todo o corpo constitutivo desta casa; do funcionário de apoio aos coordenadores e reitoria: a todos o meu muito obrigado e que as bênçãos do Altíssimo sejam uma constante em vossas vidas.

RESUMO

São mais de três décadas que estou envolvido diretamente com o mundo eclesiástico cristão e acompanhando de perto comportamentos não recomendados, que perpassam expectativas no âmbito espiritual, amoroso e violento; que acontece de maneira açodada nos lares cristãos; que são omitidos, velados, e até ocultados em nome de uma “ética” que prefiro chamar de hipocrisia cínica. Sendo que, quando nos reportamos a esses fatos é de costume dizer: que estas coisas acontecem com as pessoas do mundo; e, nunca no mundo das pessoas cristãs. Só que a realidade aponta para questões sombrias e polêmicas, que por muito tempo vem sendo empurrada para baixo do tapete. A nossa proposta com este trabalho é trazer à discussão assuntos que dizem respeito às realidades do nosso viver diário e que não podemos em hipótese alguma, fazer de contas que elas não existem. Ou enfrentamos com o intuito de debelar causas e efeitos, ou seremos destruídos por este monstro chamado violência.

ABSTRACT

For three decades I have been directly involved with the ecclesiastic Christian world closely and following undesirable behaviors that go beyond expectations in spiritual, loving and violent environments in spiritual environment, lovely and violent that happens frequently in Christians homes, which are omitted, hidden and ever concealed in the name of an “ethic” that I prefer to call cynical hypocrisy; so that when we report these facts its normal to say “these things happen with people from the world, and never in the world of Christian people”.

The reality point to shadowy and controversial questions that for a long time have been swept under the carpet. Our purpose wit this work is to discuss matters which relate to the realities of everyday life and which we cannot, by any means, pretend do not exist. Either we face up to justify of finishing cause and effect or we will be destroyed by this monster called violence.

SUMÁRIO

Introdução	9
------------------	---

CAPÍTULO I

1.1 Projeto de pesquisa.....	12
1.2 Violência como fenômeno biológico.....	13
1.3 Mulheres Protestantes agredidas em nome de Deus pedem ajuda.....	16

CAPÍTULO II - FATOS

2.1 Pancada de Amor dói e dói muito.....	19
2.2 Teorias do Ciclo da Violência Conjugal.....	23
2.2.1 Fase I – Estágio de acumulação de tensão	24
2.2.2 Fase II – Incidente grave de espancamento.....	27
2.2.3 Fase III – Comportamento gentil de arrependimento	33
2.3 Maus Tratos	
2.3.1 Maus tratos-Indicadores a serem levados em conta pelos educadores.....	39
2.3.2 Mautrato Físico	40
2.3.2.1 Indicadores Físicos.....	40
2.3.2.2 Indicadores de Conduta	40
2.3.3 Mautrato por abandono (negligência).....	41
2.3.3.1 indicadores físicos.....	41
2.3.3.2 Indicadores de Conduta.....	41

2.3.4 Abuso Sexual	42
2.3.4.1 Indicadores Físicos	42
2.3.4.2 Indicadores de Conduta	42
2.3.5 Mautrato Emocional (Violência psicológica).....	43
2.3.5.1 Indicadores Físicos.....	43
2.3.5.2 Indicadores de Conduta.....	43
2.3.6 Indicador Presente nos Pais Potencialmente Abusivo.....	44
2.3.6.1 Características dos Pais Abusivos.....	44
2.3.6.2 Características dos Pais Que Abandonam Seus Filhos.....	45
2.3.6.3 Características dos Pais Abusadores Sexuais.....	45

**CAPÍTULO III- ESTABELECENDO DIFERENÇA ENTRE:
DESÍGNIO DE DEUS E VIOLÊNCIA**

3.1 O Amor e a Justiça de Deus não falham.....	49
3.2 O Amor e a Justiça Humana são Falhos.....	51

CAPÍTULO IV – ALTERNATIVAS

4.1 O que fazer para mudar esse quadro.....	56
4.2 A Estratificação Social.....	56
4.3 A Influência das Igrejas.....	57
Conclusão.....	59
Bibliografia.....	65
Apêndice.....	67

INTRODUÇÃO

Ficção? Roteiro de um filme ou novela censurada para menores de 14 anos? Não, lamentavelmente o que estou enfocando neste trabalho é a dura e triste realidade que temos vivido e convivido dentro das igrejas evangélicas cristãs. Felizmente, ao procurar material para servir de aporte, tanto técnico, como teórico, para construção da minha dissertação, pude descobrir que algumas igrejas e instituições já estão empenhadas, preocupadas e ocupadas com este assunto que invadiu as igrejas evangélicas como uma epidemia. Infelizmente, ainda não possuímos um antídoto eficaz para combatermos este mal que Elaine Orpheu Cabral Aldravandi, chamou de *chaga social* no seu livro: “nos passos da violência”.

A igreja cristã evangélica é um seguimento desta sociedade. Só que, por muito e muito tempo, essa igreja colocava-se num patamar ético, moral e social, acima do nível das pessoas que não eram e não são evangélicas cristãs. Tanto que ficou muito comum nas nossas prédicas e homilias nos referirmos às pessoas que não faziam parte das nossas igrejas, com a expressão: **povo do mundo**. Isto nos deixava fora da linha da crítica. Pois sempre estávamos pregando para as pessoas do “mundo” e nunca para as pessoas da igreja.

Talvez esta tenha sido uma das principais causas do crescimento da violência no âmbito familiar cristão. Ao ignorarmos, não sei se por falta de preparo de alguns líderes eclesiásticos ou por conveniência de outros, ou até mesmo tabu das próprias famílias, este assunto assumiu proporções alarmantes e vergonhosas; esbarrando-se de forma alarmante e vergonhosa nas garras dos poderes públicos e desta forma fomos expostos em pesquisas e estatísticas que denunciam a situação lastimável em que as famílias cristãs estão mergulhadas. Contudo, devemos dar graças a Deus por existirem instituições sérias que se comprometem com o bem social, independentemente de preocupar-se se vão atingir a pedreiros, carpinteiros, faxineiros, advogados, médicos, comunicadores, religiosos ou

qualquer outro segmento social. Destacamos diversas ONGs. As Delegacias de Mulheres, o Ministério Público, a Saúde Pública, etc. Estas organizações não estão preocupadas com a classe social, com o poder econômico nem tampouco com a religiosidade; elas estão preocupadas, sim, com o bem-estar das famílias. E nós, como igreja de Cristo, se não saímos na frente, devemos estar unidos a estas organizações para juntos envidarmos esforços para criarmos uma sociedade mais justa, mais igualitária e menos violenta. Creio que este também é um dos papéis da igreja de Jesus Cristo. Sabemos que estamos diante de uma situação que não é fácil, pois, de uma certa forma, nos achamos envolvidos no processo e ao refletirmos imparcialmente, nos sentimos um tanto culpados pelo crescimento da violência nos arraiais do cristianismo. Como eu gostaria de estar excluído deste processo, porém, vejo-me incluído e percebo que não estou escrevendo para os outros, mas para mim também. Este trabalho está me levando a rever alguns dos meus conceitos. Pois, à medida que eu ia entrando nos textos e permitindo que eles também entrassem em mim, pude me enxergar violento. Portanto, não serei hipócrita em estar produzindo algo para melhorar os outros, porém, estou na produção de algo que está atingindo a mim mesmo e como tive essa sensibilidade, espero alcançar nas linhas que se sucederão, que elas possam levar leitores e leitoras a fazerem também suas reflexões sobre a pergunta: estamos contribuindo para aumentar ou diminuir esta “chaga social”?

Vejo como mais do que um dever do(a) teólogo(a) cristão(ã), comprometido com a divulgação do evangelho do Reino de Deus, nos situarmos neste momento crítico, para que possamos perceber onde nós estamos? O que estamos fazendo? Somos responsáveis pelos dados estatísticos da violência? Se não somos, somos capazes de fazer algo para diminuirmos a mesma?

Como não posso obter essa resposta, posso fazer uma conclamação a teólogos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, assistentes sociais, médicos, policiais, sociedades de bairros, clubes esportivos, enfim, a todos que sofrem e se incomodam com este mal, que se engajem nesta luta, pois, só assim seremos capazes de vivermos dias melhores.

Parece que neste processo, o efeito silenciador funciona com mais eficácia no âmbito cristão; por uma série de motivos óbvios, é melhor que os casos sejam resolvidos com o “abafador”, pois roupas sujas se lavam em casa. Este é o velho adágio; porém, quando a sujeira das roupas se torna altamente volumosa não dá mais para se lavar em casa; as roupas já estão tão estragadas que não podem mais ser lavadas e ao se procurar a lavanderia, algumas roupas já se deterioraram. Com esta linguagem figurada proponho, no início deste trabalho com enfoque sobre a violência intra-familiar no ambiente cristão, que se faz necessário um esforço conjunto das organizações eclesiais para buscar incessantemente mecanismos que sejam capazes de atacar o mal no seu começo ou na fase embrionária, antes que se instale e se torne em chaga. O ser humano tende a acostumar-se às situações mais adversas possíveis. E, por mais incrível que pareça, pode acostumar-se a conviver com as fétidas chagas da violência intrafamiliar. Faz-se necessário uma forte intervenção das igrejas em empenhar-se nesta luta pela abolição de um mal que tão de perto nos rodeia.

Não queremos, como Igreja, ignorar esta tão dura realidade. Cabe a nós, aliarmos-nos a outros órgãos governamentais ou não, para nos equiparmos de todas as formas possíveis e dessa maneira criarmos uma frente de trabalho com adoção de medidas capazes de eliminarmos este vergonhoso mal. E se não eliminarmos, pelo menos atenuarmos, visto que não é possível que fiquemos indiferentes. A indiferença não irá mudar o quadro nem os dados estatísticos, que são alarmantes e assombrosos. Diante dos clamores existentes, queremos, como família cristã, dar a nossa colaboração, trazendo à lembrança fatos estudados e pesquisados por vários autores. Não estamos trabalhando com o ineditismo. O que pretendemos com o nosso trabalho é não permitir que atos e fatos tão deprimentes venham tornar-se algo comum, corriqueiro ou de somenos importância.

CAPÍTULO I - PESQUISA SOCIAL

1.1 Introdução

Por que resolvi pesquisar sobre espiritualidade, amor e violência no âmbito cristão? Confesso que não foi por simpatizar ou amar este assunto, mas foi por ser algo que me causa revolta e repúdio. No decorrer de uma década, trabalhando com a área de aconselhamento pastoral, senti a necessidade de elaborar um trabalho de cunho acadêmico e científico, trazendo as evidências de um mal arraigado e estabelecido nas famílias eclesiais cristãs as quais irão se clarificando no decorrer da nossa pesquisa; senti necessidade de descobrir o porque de vivermos uma farsa de felicidade quando a realidade aponta para algo bem pior do que imaginei.

Não é admissível que as igrejas evangélicas cristãs estejam fazendo tão pouco para evitar a violência intra-familiar. Se não somos intérpretes de sonhos por isso não podemos dizer que os sonhos não existem. Porém, sonhos são sonhos e violência é violência; não quero em hipótese nenhuma minimizar o conjunto de fatores, sejam eles internos, externos, sociais, econômicos, religioso, o que for. É preciso a busca de formas menos degradantes, menos perniciosas e menos nefastas.

Pode-se ser enérgico sem ser violento. Pode-se dialogar e através do diálogo chegar a consenso, que talvez não seja o ideal, para as partes implicadas, mas, sem dúvida alguma será menos desastrosa.

1.2 Violência como fenômeno biológico¹

Konrad Lorenz, austríaco, fundador da Bioteologia, faz uma analogia comparando o comportamento animal com o comportamento humano. Lorenz faz um comentário sobre as causas biológicas da violência e aborda a parte instintiva dos animais, sendo que os seres humanos por instinto não seriam tão violentos. O que os faz violento é a sua racionalidade e instituição. Os estudos de Lorenz demonstraram que, embora a agressividade seja um fenômeno instintivo, jamais se verificou a agressão com a finalidade de extermínio do outro, ou seja, a agressão intra-espécies objetiva apenas a defesa e a proteção da própria vida, razão porque alguns autores preferem usar o termo “conduta adversa”, e não, agressão.

Segundo o mesmo pesquisador, “quanto mais poderosas são as armas dos animais, maior a possibilidade de ferir seu adversário, e mais intensa é sua capacidade inibitória de combate”. Isso significa que entre os animais existe o instinto de defesa da vida, que passa pela reação adversiva e não pela violência. Os animais, ao contrário do homem, atacam para defender-se ou alimentar-se, e não para destruir.

No reino animal, somente o homem, orgulhoso por se considerar o ser superior da criação, “feito à imagem e semelhança de Deus”, como se lê nas Escrituras Sagradas”, mata sistematicamente por ódio, vingança, sadismo, posição social ou financeira.

Tirar a vida do próximo por um par de tênis, ou porque ele ou ela são negros, brancos ou amarelos, estuprar, torturar, promover guerras e genocídios, são atitudes exclusivas da espécie humana. O sistema límbico – a fisiologia é a ciência que estuda as funções orgânicas pelas quais a vida se manifesta.

Em busca de respostas para a violência, essa ciência tentou provar a existência de um centro agressivo em alguma parte do corpo humano. [...]

As pesquisas demonstram que na base do cérebro humano em estruturas subcorticais denominadas sistemas límbicos localiza-se o centro regulador das emoções humanas.

Perturbações do sistema límbico produzem sentimentos de ansiedade e comportamentos agressivos que podem ser controlados por medicamentos psicotrópicos.

Estímulos elétricos em várias estruturas desse sistema causam reações na bexiga, no intestino, nas pupilas, e em outros órgão que possuam enervação neuro-vegetativa. Observa-se também que esses estímulos elétricos, através do hipotálamo atuam sobre a glândula hipófise. Esta é considerada a glândula mãe do corpo, pois regula as funções de todas as outras glândulas, comandando, desse modo, a secreção hormonal da tireóide, das paratireóides, dos ovários, testículos, e supra-renais .

De acordo com a região dos sistema límbico onde se promova o estímulo elétrico, o animal reage com movimentos mastigatórios, salivação, vômitos, deglutição, defecação, lambadura e micção, além de excitação nervosa, medo, agressividade, aceitação ou recusa.

Conclui-se, portanto que no cérebro humano há uma estrutura responsável pelo desencadeamento de respostas afetivas, de aceitação, ou agressividade, ou seja, a ciência encontrou o caminho por onde percorre o impulso agressivo; sabe-se agora que um estímulo proveniente do exterior ou interior atinge o sistema límbico, que coordenará a resposta, gerando reações em todo o organismo; porém, esse sistema está subordinado ao córtex cerebral e a resposta agressiva, portanto, será decidida por estruturas cerebrais superiores subordinadas á mente.

Culpar o sistema límbico por toda a violência equivale a dizer que o culpado pelo homicídio foi o punhal, e não a mão que desferiu o golpe mortal, pois ele é apenas o instrumento de que a mente humana se utiliza para comandar a resposta a determinado estímulo; esse sistema não decide se irá reagir com agressividade ou com passividade; essa decisão pertence ao córtex cerebral, que lhe hierarquicamente superior. Anormalidades

nesse sistema geram agressividade incontrolável; porém, a mais indivíduos violentos no mundo do que pessoas com defeitos cerebrais graves e raros.

A violência está presente: no crime organizado, nos detentores do poder, nas torcidas de futebol, nas escolas, nas casas e nas igrejas.

¹ KONRAD, Lorenz (p. 24 à 28 do livro *Nos passos da Violência* de Elaine Orpheu Cabral Aldravandi

Mulheres protestantes, agredidas em nome de Deus, pedem ajuda²

Quem vê Antônio na rua, Bíblia debaixo do braço, roupa social, jeito de gente boa, já imagina: "O sujeito é crente". Na igreja, então, o homem é um exemplo de bondade. É calmo, freqüenta o curso para se tornar obreiro (quando se formar, dará aula na escola dominical), vira anjo ao cruzar a porta do templo. "Faz pregações maravilhosas", diz a mulher, Joana, 39 anos, casada há 15 com Antônio. "Ele fala sobre a paz e como todos devem amar seus inimigos".

Só que Antônio, manso como uma ovelha do rebanho do Senhor, ao lado de seus "irmãozinhos", se transforma em bicho bravo quando está sozinho com a família. Dentro de casa, diz palavrões, agride a mulher. "Ele já me agarrou pelo cabelo e me jogou em cima da cama", conta Joana. "Também atirou um frasco de xampu na minha cabeça. Não sei por que age assim".

Como Joana, outras evangélicas, com saias longas, cabelos e mágoa pesando sobre os ombros, também não entendem a mudança de seus homens quando eles põem os pés fora da igreja e brandem as mãos dentro de casa. E, cansadas de não achar refúgio na paz de seus templos - elas preferem não divulgar o nome das igrejas que freqüentam -, encontraram abrigo na Casa de Isabel, uma ONG da Zona Leste que, em parceria com a Prefeitura e o Estado, oferece assistência psicológica e jurídica a mulheres, crianças e adolescentes vítimas de violência.

A romaria de evangélicas à Casa de Isabel está assustando a pesquisadora da área da violência e presidente da entidade, Sônia Regina Maurelli. A ONG atende 3 mil mulheres por mês. "Posso afirmar que 90% são freqüentadoras assíduas de igrejas evangélicas", diz a pesquisadora. "Me surpreende ver as mulheres submetidas à doutrina das igrejas. Ser submissa não é tolerar espancamento".

Analisando suas estatísticas, Sônia observa que grande parte das igrejas não oferece aos fiéis um trabalho de aconselhamento. "Se existisse, esta casa não estaria tão cheia. Acredito que essas mulheres estão nos procurando porque estão lendo e se informando mais". Joana,

a mulher de Antônio, admite que as portas da Casa de Isabel foram as únicas que se abriram para socorrê-la: "Procurei a pastora da minha igreja e ela me falou que problema como o meu tinha de ser resolvido entre marido e mulher".

A palavra-chave citada pelas evangélicas, ouvidas pelo JT foi "submissão" - além de Joana, Lurdes, 33 anos, e Ana, 54, concordaram em falar sobre o que acontece dentro de suas casas. Joana diz: "Quando reclamo com o Antônio, ele fala de um versículo bíblico: 'Mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos'. Só que a Bíblia não fala para a gente ser escrava deles".

Ana, 33 anos de casada, convive com o marido que esqueceu os ensinamentos sobre respeito e harmonia: "Não tenho nenhum carinho. Só palavrões. A agressão verbal às vezes é pior que tapa. Um tapa você revida, mas a mágoa nada pode tirar". Muitas vezes, Ana pensou em separação, mas desistiu: "Ele me xinga. Depois fica mansinho e lava a louça para mim".

Joana também fica dividida entre deixar Antônio, por causa das agressões, e a culpa que sente por não se considerar uma boa dona de casa. "Não sei arrumar um guarda-roupa tão impecável como minha mãe", conta. "Detesto passar roupa e ele só usa camisa social".

Casada há 9 anos, Lurdes, até pouco tempo atrás, ia com o marido à igreja. Hoje, depois de uma decepção, ele parou de freqüentar o templo: "Viu uns 'irmãos' da igreja bebendo num bar e ficou revoltado. Não me bate, mas me humilha e diz todo tipo de palavrões".

A vida de Lurdes se tornou mais difícil depois que, meses atrás, foi vítima de estupro. "Começou a dizer que, se fui atacada, é porque dei bola para o estuprador. Eu não exponho meu corpo. Mas meu marido não teve compreensão. Vive dizendo: 'Você não é uma mulher direita'. Não posso contar com ninguém na igreja porque lá me dizem: 'Ninguém precisa de psicólogo. Aqui, o psicólogo é Jesus'".

CAPÍTULO II – FATOS

2.1 Pancada de amor dói e muito ¹.

“Pancada de amor não dói” é um dos mitos que encobrem a brutal realidade que atinge milhões de mulheres em todo o mundo.

As estatísticas mostram que dói. E muito. Uma em cada cinco mulheres que faltam ao trabalho, o fazem devido à violência intrafamiliar.

Os espancamentos ocorrem entre quatro paredes, dentro do lar, invisíveis - silenciados pela vítima, pela família, pela sociedade e pelos serviços de saúde. Os casos que chegam a ser denunciados a polícia são apenas a ponta de um imenso iceberg.

Se não passam pela polícia, passam pelos pronto-socorros, ambulatórios de saúde mental, mostrando que a violência contra a mulher é, sim, uma questão de saúde pública.

Não existem ainda estatísticas no Brasil mostrando os números de mulheres agredidas que passam pela rede de saúde. Temos índices de alguns países como os EUA, atestando que a violência intra-familiar é a principal causa das lesões em mulheres de 15 a 44 anos, mais do que o somatório das lesões por acidente automobilísticos, assaltos e estupros.

Ainda nos Estados Unidos, uma pesquisa, em 1980, revelou que, no período de um ano, os casos de violência doméstica e sexual provocaram:

- 30.000 atendimentos em pronto-socorros;
- 40.000 visitas médicas;
- 21.000 hospitalizações;
- 100.000 dias de internação hospitalar;
- mais de 1 milhão de mulheres, por ano, procuram atendimento médico em razão de ferimentos provocados por espancamentos e tentativa de homicídios.

Em Londres, anualmente, 100.000 mulheres buscam tratamento médico devido a lesões graves recebidas em casa.

No Brasil, com seus graves problemas sociais e valores culturais em que o marido/companheiro se considera dono da vida e da morte da mulher, as estatísticas devem ser muito mais alarmantes.

Ao contrário do que se imagina, a violência doméstica não é uma realidade exclusiva da mulher pobre, de favela e de periferia. Mulheres de todas as profissões, rendas e idade são agredidas pelos maridos, namorados e parceiros. Entre os agressores podemos encontrar juizes, médicos, advogados, congressistas, professores universitários, lado à lado com os espancadores de mulheres que têm escolaridade e renda mínimas. O conformismo do “ruim com ele , pior sem ele”, apoiado pela família e pela sociedade somando à postura tradicional de que “em briga de marido e mulher não se mete colher”, deixa suas marcas no corpo e na vida das mulheres.

Ferimentos incluem: lesões por faca ou tiro, traumatismo craniano, queimaduras, lesões graves na área genital, contusões, fraturas , hematomas nos olhos, ferimentos nos ouvidos, ferimentos abdominais, aborto provocado por trauma na área abdominal.

Alem das lesões corporais, quem sofre a violência domestica tem mais doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, dores de cabeça, problemas

ginecológicos, doenças gastrointestinais, hipertensão, dependência de drogas e álcool. Em termos de saúde mental, a violência esta associada à depressão e à ansiedade, aos sentimentos de desamparo, impotência e auto-depreciação.

Existe um ciclo de violência que começa com as ofensas, causa o isolamento, até chegar a provocar um incidente com lesões graves. Devido a essa barreira de silencio, quando a violência é registrada como boletim de ocorrências, significa que já vem ocorrendo há anos e está em fase crítica, muitas vezes envolvendo tentativa de assassinato. As vítimas , aterrorizadas por ameaças, pancadas e humilhações, silenciam, sem condições sequer de pedir ajuda. Antes da morte física, pode ocorrer a morte psicológica. Entre as vítimas fatais de violência doméstica, 88% já havia sofrido agressões antes de serem assassinadas. O Movimento Nacional pelos Direitos Humanos, em pesquisa nacional, constatou que 66.3% dos acusados de homicídios contra mulheres nos anos de 1995 e 1996 eram seus parceiros, mostrando que não e nas ruas, mas em suas próprias casas, que existem as maiores ameaças à vida das mulheres.

A teoria do ciclo da violência mostra que, após a fase de acumulação de tensão e da explosão, há um período de bonança, no qual os agressores tentam convencer suas parceiras de que estão arrependidos e de que precisam de uma nova oportunidade. E o ciclo se repete, até o final, que não é feliz.

Enfermeiros(as), médicos(as), psicólogos(as), assistentes sociais e outros(as) profissionais de saúde, podem intervir antes que a violência chegue a um estágio terminal. Mulheres agredidas têm crescentes problemas de saúde e necessitam de cuidados médicos.

O treinamento de profissionais com capacidade de identificar esse tipo de lesão, faz com que a identificação de espancamento subisse de 5.6% para 30%. Detectar os casos de violência no estágio inicial e encaminhar a vítima para os serviços existentes, fazem dos profissionais de saúde o elo necessário para integração dos serviços de apoio à mulher e de combate à violência.

Se considerarmos os efeitos da violência doméstica e sexual em relação à saúde da mulher, precisamos ressaltar a vulnerabilidade da mulher negra.

Nos Estados Unidos, uma pesquisa recente mostra que:

- o número de mulheres negras assassinadas é quatro vezes maior do que o de mulheres brancas;
- três vezes mais mulheres negras sofrem estupro;
- e 57% de mulheres negras criam seus filhos sozinhas.

No Brasil, sequer existem estatísticas sobre essa questão.

Estressadas pelo excesso de trabalho, pela discriminação, pelos duros embates para sobreviver, as mulheres negras procuram a rede de saúde pública, mas, geralmente, não recebem tratamento adequado.

As seqüelas da violência doméstica e sexual, somam-se em doenças como hipertensão, diabetes, miomas, problemas de parto e anemia falciforme.

Algumas organizações de mulheres têm desempenhado um papel ativo, buscando parcerias com secretarias de saúde, para levar à rede pública de saúde o saber acumulado na militância e vivência direta dessas questões.

2.2 Teoria dos Ciclos da Violência Conjugal ²

As mulheres espancadas não são maltratadas de forma constante, nem a violência que lhes é infligida ocorre ao acaso. Uma das descobertas mais surpreendentes nas entrevistas foi a existência de um ciclo definido de espancamentos vivido por estas mulheres. **É muito importante compreender este ciclo se quisermos aprender a deter ou a prevenir ocorrências de espancamento.** Este ciclo ajuda a entender como as mulheres espancadas tornam-se vitimizadas, como elas caem num comportamento de desamparo e como elas não tentam escapar da violência.

O ciclo de espancamento parece ter três fases distintas, que variam em tempo e intensidade para o mesmo casal e entre diferentes casais.

As três fases são:

- **Fase de formação de tensão**
- **Explosão ou incidentes graves de espancamento**
- **Pausa calma e amorosa**

Até agora, não consegui prever quanto tempo um casal permanecerá numa fase, nem posso prever quanto tempo um casal levará para completar o ciclo. Há evidência de que ventos circunstanciais podem influenciar o tempo. O exame de alguns relacionamentos que perduram por vinte anos ou mais, indica que podem ocorrer diferentes padrões de ciclo. Estes padrões tendem a corresponder a diferentes estágios de vida. Há alguma evidência de que certas intervenções de tratamento são mais bem sucedidas se elas ocorrerem em uma fase mais do que em outra.

Fase I - Acumulação da Tensão	Fase II Explosão	Fase III Lua-de-mel
<ul style="list-style-type: none"> • Stress • Pequenos incidentes de espancamento • Mulher tenta amenizar; permanece fora do caminho do homem • Tenta evitar a violência através de comportamento "correto" • Nega o futuro a fim de lidar com a situação • Esta fase dura bastante tempo 	<ul style="list-style-type: none"> • Incidente de espancamento grave • Falta de previsibilidade • Falta de controle • Fase pode durar de 24 horas a 1 semana • Mulher pode chamar a polícia, fugir para um abrigo, etc. • Choque e negação 	<ul style="list-style-type: none"> • Homem é amoroso, bom, contrito, pede desculpas • Negação da violência • Homem promete mudar

2.2.1 Fase I – Estágio de acumulação de tensão

Durante este período, ocorrem incidentes menores de espancamento. A mulher pode lidar com estes incidentes de diversas maneiras. Geralmente tenta acalmar o agressor através de técnicas que anteriormente provaram ser bem sucedidas. Ela pode tornar-se submissa e antecipar cada capricho dele; ou ficar fora do caminho dele. Ela mostra ao agressor que aceita o seu abuso como legitimamente dirigido contra ela. Não que ela ache que deva ser agredida, mas porque acredita que ao fazer isso irá evitar que a violência dele aumente. Se ela agir bem, então o incidente terá fim; se ele explodir ela então assume a culpa. No fundo, ela se torna sua cúmplice aceitando parte da responsabilidade pelo

comportamento agressivo dele. Ela não está interessada na realidade da situação, porque esta tentando desesperadamente evitar que ele a machuque mais. Para manter este papel, ela não se permite ficar com raiva do agressor. Ela recorre a uma defesa psicológica muito comum, chamada “negação” pelos psicólogos. Ela nega para si mesma que está com raiva por ter sido injustamente machucada física ou psicologicamente. Racionaliza que talvez tenha merecido a agressão, identificando-se freqüentemente com o raciocínio falho do agressor. Quando ele atira o jantar no chão da cozinha, ela racionaliza que talvez tenha, acidentalmente, preparado mal a comida. Enquanto ela limpa a sujeira dele, ela pode pensar que ele exagerou na reação, mas ela geralmente fica tão agradecida de que tenha sido um incidente relativamente pequeno que resolve não ficar zangada com ele. Ela sabe que o incidente poderia ter sido pior. Ele poderia ter jogado a comida nela. Portanto, não importa o quanto estes incidentes menores possam ter sido ruins, as mulheres espancadas tendem a minimizá-los por saberem que o espancador é capaz de fazer muito mais. A mulher pode também culpar uma determinada situação pela explosão do parceiro. Talvez ele tenha tido aborrecimento no trabalho, ou ele esta bebendo demais e não sabia o que estava fazendo. É mais fácil para ela negar sua raiva se cada incidente isolado puder ser atribuído a causas externas e não ao agressor. Ela acha que não pode fazer nada para melhorar a situação se fatores externos forem responsáveis pela violência do espancador. Ela racionaliza que se deixar passar, talvez o comportamento dele melhore em relação a ela. Este raciocínio infelizmente não traz uma melhora, apenas um adiamento da segunda fase do ciclo, o incidente grave de espancamento.

Mulheres que têm sido espancadas durante um longo período de tempo sabem que estes incidentes menores de espancamento irão crescer gradualmente. Contudo, usando a mesma defesa psicológica para lidar com a situação, elas negão este fato para si mesmas. Também negam o terror que sentem da inevitável segunda fase convencendo-se que ainda tem algum controle sobre o comportamento do espancador. De fato, durante as fases iniciais da primeira fase, elas realmente têm algum controle. No entanto, à medida que a tensão cresce perdem rapidamente o controle. Cada vez que ocorre um pequeno incidente de espancamento, há efeitos residuais que vão aumentando a tensão. A raiva da mulher espancada cresce intensamente, mesmo que ela não reconheça ou expresse isso, e diminui

qualquer controle que ela possa ter sobre a situação. O espancador não tenta controlar-se, apoiado na aparente passividade da mulher diante de seu comportamento violento. A omissão social reforça no agressor a crença de que ele está no seu direito de disciplinar sua mulher. Ele, no entanto, está bem consciente de que seu comportamento não é adequado: a maioria dos espancadores é violenta apenas dentro de suas casas, percebendo que sua atitude não será tolerada em público. Consciente de que seu comportamento é errado, o agressor teme que ela se desgoste dele e acabe por deixá-lo. Então, o homem torna-se mais opressivo, ciumento e possessivo para intimidá-la através da brutalidade. Historicamente, este procedimento tem sido bem sucedido. Apenas recentemente, com a crescente atenção da sociedade para com a mulher espancada e a preocupação com a sua situação, essa mulher começa a achar uma saída.

As tentativas da mulher espancada para lidar com incidentes menores de espancamento da fase de acúmulo de tensão, são as melhores que ela pode. A maioria das mulheres numa sociedade sexista vivencia incidentes de espancamento semelhantes a diferença entre a maioria das mulheres e as mulheres espancadas é que a mulher espancada é mais susceptível a síndrome do desamparo; ela aprendeu que é impotente para evitar que o resto aconteça. Muitos casais procuram manter esta primeira fase em níveis constantes por um longo período. Ambos querem evitar um incidente grave de agressão. Uma situação externa pode interromper este delicado equilíbrio. Muitas mulheres espancadas sabem disso e vão até extremos para controlar ao máximo esses fatores externos, a fim evitar mais incidentes. Como já mencionei, se esforçam para manipular o comportamento de outros membros da família em relação ao espancador. Tentam encobrir ou desculpar o comportamento agressivo do marido, e, muitas vezes, afastam-se das pessoas queridas que poderiam ajudá-las. Algumas mulheres distanciam-se dos pais, irmãs, irmãos e muitas vezes dos filhos porque temem que eles irrite o espancador e ele lhes faça algum mal. Elas percebem que o espancador é capaz de infligir mais danos. Frequentemente, durante períodos de agressão verbal, ele ameaça a mulher com a possibilidade de atingir a família dela. Uma mulher relatou que a primeira fase durou períodos cada vez maiores enquanto os filhos cresciam. Uma vez que os filhos saíram de casa, a Fase I poderia durar diversos anos até que um incidente grave de espancamento ocorresse. Dez anos haviam passado sem um

incidente grave quando um dos filhos do casal morreu num acidente. O marido dela expressou seu desgosto batendo nela com violência que ela ficou hospitalizada diversos meses. Na época da entrevista, cinco anos já se tinham passado desde o fato. Incidentes menores estavam ocorrendo constantemente e o casal estava claramente na primeira fase do ciclo de espancamento. É provável que eles pudessem permanecer nesta fase até que outro acontecimento externo causasse a escalada para a segunda fase.

À medida que o agressor e a mulher espancada sentem a tensão se acumulando durante esta primeira fase, torna-se cada vez mais difícil que suas técnicas de contornar a situação funcionem. Ambos ficam mais descontrolados. O homem sua repressão e brutalidade possessiva. Suas tentativas de humilhação psicológica tornam-se mais ferinas, suas arengas mais longas e mais hostis. Incidentes menores de espancamento tornam-se mais freqüentes e a raiva produzida perduram por períodos maiores de tempo. Nesta fase, a mulher espancada não consegue mais restaurar o equilíbrio como anteriormente. Tem menos capacidade de defender-se contra a dor e o sofrimento. A tortura psicológica é notadamente a mais difícil de lidar. Estressada pelas brigas constantes, geralmente afasta-se dele, temendo que sem querer possa provocar uma explosão. Ele começa a mover-se mais opressivamente em direção a ela, observando como ela o evita. Começa a procura por expressões de raiva nela, percebendo-a mesmo quando ela nega essa raiva ou pensa que esta conseguindo disfarçá-la. Cada movimento que ela faz é mau interpretado. Ele ronda-a e a tensão entre os dois torna-se insuportável.

2.2.2 Fase II – Incidente grave de espancamento

Há um ponto, no final da fase de tensão crescente, quando o processo pára de responder a qualquer controle. Uma vez que o ponto de inevitabilidade é alcançado, terá lugar a próxima fase, de incidente grave de espancamento. A Fase II é caracterizada por total falta de controle sobre as descargas acumuladas na Fase I. Esta falta de controle e sua maior destrutividade distinguem o incidente agudo de espancamento daqueles incidentes

menores de agressão durante a Fase I. não quer dizer que os incidentes da Fase I não sejam sérios e que não sejam ataques criminosos, mas a gravidade como são percebidos pelo casal e sua natureza incontrolável é que marcam a distinção entre as fases.

Durante a Fase II, o espancador aceita totalmente o fato de que sua fúria está fora do controle e o mesmo acontece com a mulher espancada. Na Fase I, o agressor dosa a extensão de sua agressão. Na Fase II, embora ele possa, de início, justificar seu comportamento para si mesmo, termina não compreendendo que aconteceu. Sua fúria é tão grande que o cega para qualquer autocontrole. Ele começa querendo dar uma lição na mulher, não pretendendo infligir nenhum ferimento específico e pára quando sente que ela aprendeu a lição. Só que, quando isso acontece, ela já foi gravemente espancada. Quando os espancadores descrevem os incidentes graves de espancamento, concentram-se em justificar o seu comportamento. Frequentemente descrevem repetidamente um grande número de aborrecimentos insignificantes que ocorreram durante a Fase I. Algumas vezes culpam a bebida ou excesso de trabalho. O que detona a Fase II não é o comportamento da mulher mas algum acontecimento externo ou um estado interno do homem.

A mulher espancada às vezes, provoca o incidente da Fase II. Isso ocorre após um período longo de espancamento. A mulher não agüenta mais a ansiedade, a raiva, o terror. Ela sabe, por experiência, depois de um incidente grave de agressão, vem a Fase III de calma. Prefere terminar logo a Fase II em vez de continuar a ter medo dela, e, então, provoca logo essa explosão. Assim ela tem controle sobre quando e porque o incidente ocorre, em vez de estar totalmente à mercê dele. A mulher espancada raramente percebe que está provocando um incidente, embora algumas poucas o saibam.

A segunda fase do ciclo é mais curta que a primeira e a terceira. Geralmente dura de duas a vinte e quatro horas, embora algumas mulheres tenham vivido um período de uma semana ou mais de terror.

Pelos depoimentos das mulheres sobre os fatos que a levaram à agressão, é impossível prever o tipo de violência que ocorrerá durante o estágio crítico. Mesmo as mulheres que passaram da Fase I para a Fase II enquanto estavam sendo realizadas as entrevistas não conseguiram dar-nos dicas para predizer o incidente grave de espancamento. A imprevisibilidade e o descontrole caracterizam a Fase II.

A antecipação do que pode ocorrer gera um grave stress na mulher espancada: ela fica ansiosa, deprimida e se queixa de alguns outros sintomas psicológicos. Com frequência relatam insônia, perda de apetite, ou ao contrario, aumento de apetite, dormir demais e fadiga constante. Muitas mulheres sofrem de dores de cabeça agudas, dores de estômago, pressão alta, reações alérgicas na pele e palpitações cardíacas. Há casos em que essas dores físicas impedem a explosão de um incidente grave da Fase II. Quando uma mulher foi hospitalizada por dores agudas na coluna, o marido dela tornou-se carinhoso e atencioso, num comportamento semelhante ao da Fase III do ciclo. Contudo, assim que ela voltou do hospital para casa, a brutalidade recomeçou.

As informações de que dispomos, descrevendo incidentes graves de espancamento, são fornecidas pelas mulheres agredidas. Os poucos espancadores entrevistados não conseguiram descrever muito do que acontece com eles durante a segunda fase. E não houve pessoas presentes para observar os incidentes de espancamento. Sugeriu-se que a presença de outra pessoa (não os filhos) altera a maneira como ocorre a violência entre o casal e pode impedir a explosão de uma agressão violenta. Parece que o agressor sabe que seu comportamento é inadequado por que ele trata o espancamento como um assunto privado. De acordo com o depoimento de mulheres agredidas apenas os agressores podem terminar a segunda fase. A única alternativa para as mulheres é achar um lugar seguro para se esconder. Também não é claro por que ele pára. Ele pode ter ficado exausto e emocionalmente esgotado. Não é raro que o agressor acorde a mulher de um sono profundo para iniciar o ataque. Se ela responder ao seu discurso violento, ele fica mais furioso com o que ela diz. Se ela permanece em silêncio, ele fica com raiva do seu afastamento. Qualquer que seja sua reação, ela será espancada. Na verdade, gritos, gemidos, ou qualquer tentativa da mulher para se defender podem incentivar mais o agressor. Muitas mulheres têm seus

braços torcidos e quebrados quando os erguem para se defender dos golpes. Ferimentos graves também ocorrem se elas caem ou são empurradas contra objetos existentes no local. A violência tem um elemento de retaliação e o homem não consegue parar nem mesmo quando a mulher esta gravemente ferida.

A distorção do tempo parece desempenhar um papel importante nas tentativas da mulher agredida para controlar o que acontece com elas. A mulher espancada relata que durante uma ocorrência grave de espancamento, ela sabe agir bastante bem. Isso não significa que ela reage ao seu agressor; mas sim que, enquanto ele está furioso, ela consegue evitar incitá-lo ainda mais. Geralmente ela compreende que o comportamento agressivo dele está fora de controle e que ela não responderá à razão. Na maioria das vezes, ela não resiste. Tenta permanecer calma e aguarda que a tempestade passe. A dor física machuca menos do que o sentimento de impotência por não conseguir se livrar da situação. Este sentimento geralmente vem acompanhado pela firme convicção de que se ela tentar resistir seu agressor ficará mais violento. Há também um distanciamento do ataque real.

Algumas mulheres dizem que era como se elas pudessem recuar e observar-se, como se estivessem fora do corpo sendo atiradas contra a parede ou escada abaixo. A dissociação é acompanhada por um sentimento de negação de que o incidente esteja realmente acontecendo. Talvez isto ajude a mulher a manter-se viva. Também são relatados momentos de extrema crueldade psicológica. Mulheres espancadas conseguem relatar as palavras exatas que os espancadores lhes disseram. É muito mais difícil para elas lembrarem o que elas mesmas fizeram durante o ataque. O único sentimento que persiste nelas é a inutilidade de tentar escapar.

Depois que o ataque termina, geralmente vem o choque, a negação e a incredulidade de que a agressão tenha realmente acontecido. Ambos, espancadores e suas vítimas, encontram formas de racionalizar a gravidade de tais ataques. Se houve violência física, a mulher espancada tenta minimizar seus sofrimentos. Por exemplo, uma mulher cujo marido tentou sufocá-la com uma corrente de metal, relatou que ela estava agradecida por ter ficado apenas com marcas no pescoço e por não ter havido cortes na pele. O fato de que ela

poderia ter sido estrangulada até morrer foi atenuado por ela, que disse: “bem nem cortou a pele”, Quando as mulheres relatam a humilhação verbal, elas também tendem a minimizar a mágoa devida ao ataque recebido. Por exemplo, uma mulher pode dizer: “Ele disse isso apenas porque estava com raiva. Se estivesse no seu estado normal, não teria dito”.

A maioria das mulheres espancadas não procura ajuda durante este período imediatamente após o ataque, a não ser que estejam tão machucadas que necessitem de cuidados médicos. Embora os serviços de emergência dos hospitais não mantenham estatísticas do número dessas mulheres que atendem, a maioria das equipes de primeiros socorros e unidades de terapia intensiva têm muitas histórias sobre mulheres espancadas. E é com grande incredulidade que relatam que estas mulheres se recuperam voltam para casa para junto do homem que provocou os ferimentos.

Muitas das reações dessas mulheres são semelhantes às das vítimas de catástrofes. Estas geralmente sofrem colapso emocional depois de vinte e quatro e quarenta e oito horas após a catástrofe. Seus sintomas incluem: depressão e sentimentos de desamparo. Mulheres espancadas apresentam comportamento semelhante. Elas tendem a ficarem isoladas pelo menos nas primeiras vinte e quatro horas e podem aguardar diversos dias até procurarem ajuda. Profissionais de saúde mental relatam que suas pacientes geralmente não os chamam imediatamente após o incidente de espancamento, mas somente após alguns dias. O mesmo padrão ocorre na procura de cuidados médicos para ferimentos que não necessitem de atendimento de emergência. Não é raro que uma mulher com uma costela quebrada espere vários dias para procurar atendimento médico. Esta síndrome de ação retardada também prevalece quando mulheres espancadas procuram ajuda de advogados ou de outra origem. Até agora, não sabemos se as mulheres mais rapidamente as casas-abrigo, se houvessem mais unidades disponíveis. Talvez elas acreditem que se não contarem a ninguém pode protegê-las da violência dos seus companheiros. Frequentemente dizem que seus agressores estão fora do alcance da lei.

A polícia geralmente é chamada na Fase II – isso quando é chamada. Das mulheres entrevistadas, apenas 10% já haviam chamado a polícia. A maioria delas afirma que não

chama a polícia porque acha que ela não vai lidar de maneira eficiente com os agressores. Estatísticas confirmam essa suposição. Em Kansas City, 1976, um estudo verificou que mais de 80% das mulheres assassinadas tinham chamado a polícia de uma a cinco vezes antes de serem mortas.

A própria polícia confirma a dificuldade de interromper um incidente de espancamento grave da Fase II. Foram treinados para aconselhar a vítima e o agressor, tenta acalmá-los e depois deixá-los sozinhos. Muitas mulheres falam que policiais tentaram dissuadi-las de fazer queixa. Embora as técnicas de aconselhamento possam ser úteis em outras fases do ciclo de espancamento, a maioria das mulheres relata que a violência aumenta assim que a polícia sai. É importante que os que prestam socorro lidem com a natureza explosiva e descontrolada da violência da Fase II quando fizerem a intervenção.

Os programas de treinamento da polícia também falham duplamente ao não evidenciar e não compreender a persistência do comportamento do espancador. A maioria dos (as) policiais não são treinados (as) nos métodos para dissipar tal raiva. Estudos feitos por Morton Bard, um psicólogo de New York que trabalha com a polícia, mostrou que quando os policiais são treinados adequadamente para lidar com situações familiares violentas, as taxas de mortalidade caem. Policiais também se queixam de serem atacados pelas próprias mulheres, quando intervêm durante um incidente na Fase II. Eles ficam compreensivelmente indignados quando a própria pessoa que vai ser ajudada se vira contra eles. Eles interpretam o comportamento dela como cumplicidade com violência do marido. O que eles não compreendem é que a mulher espancada sabe que, quando a polícia sair, ela será deixada sozinha com o agressor novamente e ela sente-se atemorizada com a perspectiva de ser novamente agredida. Ao atacar a polícia, ela está tentando demonstrar sua lealdade ao agressor, esperando que essa atitude impeça mais pancadas. Mulheres agredidas afirmam que se elas tivessem certeza de que a polícia retiraria seus maridos da casa e não permitiria que eles retornassem, elas não atacariam a polícia. Mas elas conhecem bem demais a ineficácia da polícia ao lidar com o agressor. Talvez por isso é que tão poucas mulheres chamam a polícia.

2.2.3 Fase III – Comportamento Gentil e de Arrependimento

O fim da Fase II e movimento para a Fase III do ciclo de violência é bem-vindo por ambas as partes. Enquanto que a brutalidade é associada à Fase II, a Fase III é caracterizada por um comportamento arrependido, extremamente amoroso e gentil. O agressor percebe que foi longe demais e tenta compensar a mulher por tudo. É durante esta fase que a vitimização da mulher torna-se completa.

A terceira fase segue-se imediatamente à Fase II e é um período de calma incomparável. A tensão acumulada na Fase I e liberada na Fase II esgota-se na Fase III. Nesta fase, o espancador geralmente comporta-se de maneira encantadora e amorosa. O agressor lamenta a sua agressividade na fase anterior, e exprime seu arrependimento à mulher agredida. Pede perdão e promete que nunca mais vai fazer isso de novo. Seu comportamento é descrito como típico de um menino apanhado fazendo algo errado, a criança pegada em flagrante com a boca na botija. Quando apanhado no ato ele confessa e então chora pelo perdão. O espancador realmente acredita que nunca mais vai machucar a mulher que ama; acredita que, de agora em diante, vai conseguir controlar-se; ele também acredita que já deu a ela uma tremenda lição e por isso não vai mais repetir o mesmo comportamento e, portanto, ele não terá mais motivos para bater nela de novo. Ele tenta convencer todo mundo de que está realmente mudado. Agirá de modo a demonstrar sua sinceridade. Ele vai parar de beber, de namorar outras mulheres, de visitar a mãe dele, ou o que afete o seu estado de ansiedade interna.

É no começo desta fase, imediatamente após o incidente de espancamento grave, que geralmente encontrei mulheres espancadas. É quando elas estão mais propensas a escapar da situação. Algumas das mulheres que participaram voluntariamente das entrevistas, me contaram imediatamente após sua hospitalização por ferimentos recebidos durante o incidente grave de espancamento. Mas à medida que passavam do fim da Fase II para a Fase III do ciclo de espancamento, era dramática a mudança nestas mulheres as quais visitei diariamente no hospital.

Depois de alguns dias, elas passavam de solitárias, zangadas, assustadas e magoadas, a alegres e confiantes e amorosas. De início, elas avaliavam realisticamente sua situação. Aceitavam sua inabilidade para controlar o comportamento do espancador. Estavam experienciando raiva e terror, o que ajudava a motivá-las para pensarem em mudanças maiores para suas vidas.

Essas mulheres estavam plenamente convencidas do seu desejo de pararem de ser vítimas, até a chegada do espancador. Eu sempre sei que o marido de uma mulher fez contato com ela pela profusão de flores, doces, cartões e outros presentes no quarto dela no hospital.

No segundo dia, os telefonemas ou visitas intensificavam-se, assim como seus apelos para serem perdoados e prometiam nunca mais fazer isso. Geralmente ele engaja outros na sua violenta batalha para permanecerem com elas. As mães deles, pais, irmãs, irmãos, tias, tios, amigos e qualquer um que eles possam recrutar, telefonam, e intercedem por eles. Todos eles trabalham com o sentimento de culpa delas: elas são as únicas esperanças; sem elas eles seriam destruídos. O que aconteceria aos filhos se afastassem deles os pais? Parece não importar os modelos emocionalmente estropiados que o espancador e a mulher espancada ofereceram a esses filhos. Embora todo o mundo reconheça que o espancador está errado, a mulher espancada é considerada responsável pelas conseqüências de qualquer punição que ela receba. A maioria das mulheres espancadas está presa a valores tradicionais sobre a permanência do amor e do casamento, tornando-se presa fácil da culpa de destruir um lar, mesmo que este não seja muito feliz. Elas foram ensinadas que casamento é para sempre e elas acreditam.

A mulher espancada também recebe a mensagem que o espancador precisa de ajuda, sendo que se ela ficar com ele, ele terá essa ajuda. Durante esta intensa campanha para persuadi-la a permanecer com o espancador, todo o mundo realmente acredita nessas racionalizações. A verdade, no entanto, é que as chances dele procurar ajuda são mínimas se ela ficar com ele. Nós descobrimos que o período que um espancador comumente

procura ajuda é depois que a mulher o deixou e ele pensa que a psicoterapia ou qualquer outra ajuda poderá trazê-la de volta para ele.

Outras mulheres espancadas freqüentemente recontam histórias semelhantes a essas vivenciadas por mulheres hospitalizadas. A recompensa delas por terem aceitado a violência abusiva é um período de bonança e generosidade. Para algumas mulheres, no entanto, este período nem sempre é feliz. Uma mulher relata que ela tinha pavor desta fase, porque o homem tentava fazer com que ela se sentisse melhor e ele menos culpado comprando presentes extravagantes que não tinham condições de pagar. Se ela tentasse devolver os presentes, ele rapidamente se tornava violento de novo. Se ela ficasse com eles, ela ficava preocupada de como poderiam pagá-los ou teria que enfrentar os processos de devolução. Então, ela não tinha trégua; também sofria durante a Fase III.

A mulher espancada quer acreditar que não vai mais sofrer violência. A racionalização fortalece sua crença de que ele realmente pode mudar, já que ele muda seu comportamento amoroso a mulher vislumbra seu sonho original de como o amor é maravilhoso. O comportamento amoroso dele reforça sua decisão de permanecer no relacionamento. Mesmo as mulheres que deixaram um relacionamento violento há muito tempo lembram com saudade da sinceridade do amor que elas sentiram no período. Predomina a noção tradicional que duas pessoas que se amam superam os mais terríveis desafios. A mulher espancada escolhe acreditar que o comportamento que vê nele na Fase III corresponde à verdadeira natureza do homem que ela ama. Ele seria assim o tempo todo se o ajudassem.

Ela identifica o homem bom no homem que ela ama. Ele agora é tudo o que ela queria de um homem. Ele é visto como forte, confiável e amoroso. Se pudessem ajudá-lo. Ele seria assim o tempo todo. Não há meios de saber se isto é verdade ou não; contudo, é interessante que estas mulheres escolhem acreditar que este comportamento arrependido é mais indicativo da verdadeira pessoa do que o comportamento do espancador. As pessoas que apóiam essas mulheres ficam exasperadas neste ponto, pois a mulher geralmente retira as queixas, volta atrás na separação ou no divórcio e geralmente tenta ajeitar as coisas até o

próximo incidente grave. É também neste período que a mulher compreende o quanto seu espancador na verdade é frágil e inseguro. Incluídas em suas súplicas há ameaças de que ele destruirá a vida dele se ela não o perdoar. Ele diz a ela o quanto ele precisa dela e garante que alguma coisa terrível acontecerá a ele se ela o abandonar.

O suicídio não é uma ameaça fútil. Nesta pesquisa, quase 10% dos homens que espancavam suas mulheres suicidaram-se depois que as mulheres os deixaram. As mulheres espancadas percebem nos seus parceiros o desespero, solidão e alienação do resto da sociedade. Elas se vêem como a ponte para o bem-estar emocional dos seus parceiros. Cerca de metade das mulheres entrevistadas relataram que a sanidade mental do marido deteriorou depois que elas os deixaram. Pelo menos um quarto delas afirmou que sua própria saúde mental foi afetada seriamente pela separação.

O casal que vive uma relação violenta torna-se um par simbiótico – um tão dependente do outro que quando um tenta sair da relação, a vida dos dois fica afetada drasticamente. É durante a Fase III, quando o amor /generosidade é mais intenso, que este laço simbiótico se estreita. Ambos enganam um ao outro e a si próprios de que juntos podem lutar contra o mundo. A sensação de excesso de interdependência e de confiança mútua é evidente em cada uma das fases do ciclo.

Entretanto, o vínculo entre eles se consolida durante a Fase III.

Como quase todas as recompensas de estar casada ou de viver junto ocorrem para a mulher espancada durante a Fase III, é nesse período que é mais difícil para ela tomar uma decisão de terminar o relacionamento. Infelizmente, esse é também o período em que as pessoas que prestam ajuda geralmente a vêm. Quando ela resiste a deixar o relacionamento e argumenta que realmente o ama, ela toma como base o comportamento amoroso atual da Fase III mais do que o comportamento mais doloroso das Fases I e II. Ela tem esperança de que, se os dois outros ciclos puderam ser eliminados, os espancamentos cessarão e seu relacionamento idealizado continuará.

Se ela já passou pelos diversos ciclos, aumenta sua auto-rejeição e perturbação pela consciência de que está trocando sua segurança física e psicológica por esse estado de sonho temporário. Sua auto-estima se debilita à medida que ela assume que está se vendendo em troca de breves períodos de comportamento da Fase III. Ela torna-se cúmplice de seu próprio espancamento. As mulheres entrevistadas, freqüentemente admitem, embora com vergonha, de que amavam profundamente seus parceiros durante esta fase. O efeito da generosidade, confiança, dedicação e interesse verdadeiros de seus parceiros não pode ser minimizado.

A Duração exata da Fase III não pode ainda ser determinada. Parece ser maior que a Fase II mas menor que a Fase I. Contudo, em alguns casos, parece ser difícil achar evidências de que esta fase dure mais do que um breve momento. Também, o comportamento calmo e amoroso dá lugar a pequenos incidentes de agressão novamente. Começa novamente a tensão crescente da Fase I reiniciando um novo ciclo de espancamentos. Algumas mulheres conseguem manter esta fase amorosa por um longo período de tempo. Quando esta é seguida por espancamentos, estas mulheres desta pesquisa atiraram e mataram seus maridos e uma esfaqueou-o até ele morrer. Muitas outras contra-atacaram com facas e outras armas mortais. Em cada caso, a retaliação acontece depois de diversos ciclos de espancamento curtos e intensos, seguidos de períodos mais longo de calma. As mortes ocorreram após o comportamento da Fase I começar novamente.

As mulheres envolvidas sentiam que elas não podiam suportar mais nenhum ataque. Nenhuma delas afirmou querer matar o parceiro. Todas disseram que queriam impedi-los de machucá-las novamente.

2 Lenore Walker (USA) -
The Cycle Theory of Violence - in "The Battered Woman"
Tradução e resumo pela Casa de Cultura da Mulher Negra
publicado no livro "Violência contra a mulher,
uma questão de Saúde Pública" - 1999

2.3 Maus Tratos ⁴

O tema proposto para uma reflexão é muito instigante, e depois de vários anos trabalhando como As. Social, psicóloga e terapeuta comunitária, trabalhando com uma clientela vulnerável, o aspecto da violência me inquietam e pensei, precisar fazer algo.

Optei trazer para conhecimento de outros colegas, o fato da violência e do abuso infantil. Algumas pessoas assim como eu, tentam relutar não falar, refutar casos de violência quando com esse se defrontam. São situações certamente que “mexem” com nossos sentimentos e por vezes nos paralisam.

Este artigo é parte de uma pesquisa que venho realizando com crianças e com mulheres que foram abusadas sexualmente na infância e que será publicado em forma de livro em 2006.

A problemática da violência intrafamiliar, a carga oculta que representa à saúde e ao desenvolvimento pessoal de uma parte tão relevante da população, passaram a preocupar e mobilizar ações sistêmicas na área de saúde muito recentemente e penso contribuir para esses estudos e descobertas.

A Organização Panamericana de Saúde, em seu relatório anual *Condiciones de Salud em Las Américas* (OMS/OPS, 1991) diz que:

“A violência intrafamiliar, a qual a mulher é particularmente vulnerável, é um problema de saúde pública não desde o ponto de vista dos traumatismos físicos resultantes, mas também dos sérios efeitos sobre a saúde mental da vítima.”

Lidar com situações de violência intrafamiliar desafia os profissionais em diferentes campos, revelando a amplitude do problema e sua complexidade. Enfrentar o problema, fortalecendo ações e serviços, nos traz a perspectiva de uma nova atitude de compromisso e colaboração.

Os temas desenvolvidos neste trabalho procuram informar e apoiar os profissionais em diagnóstico, tratamento e prevenção da violência intrafamiliar, em particular os maus tratos infantis. Passa a levantar aspectos que podem ser observados por profissionais e principalmente por educadores,, onde as crianças permanecem muitas horas durante a semana.

2.3.1 Maus tratos - Indicadores a serem levados em conta pelos educadores

O educador como bom observador pode captar um ou vários indicadores. Pode identificá-los por reconhecimento físico e/ou pela conduta da criança, bem como pelas atitudes e conduta de seus pais ou tutores.

A presença de um único indicador não prova que a criança está maltratada, porém, a repetição de vários indicadores combinados ou a presença de lesões pode servir de alerta ao educador.

Nos diferentes tipos de maltrato encontramos indicadores físicos e de conduta.

2.3.2 Mautrato Físico

2.3.2.1 Indicadores Físicos;

- Machucaduras, hematomas no rosto, lábios, boca, língua.
- Cicatrizes em várias etapas de distinta coloração, marcas velhas e novas.
- Marcas deixadas por castigo com cintas, cordas sapatos ou chinelo de borracha, em diferentes partes do corpo, indicando que a criança foi golpeada em direções distintas
- Queimaduras inexplicáveis de cigarros nas solas dos pés, nas palmas das mãos, braços e costas.
-
- Fraturas inexplicáveis em várias etapas de consolidação no crânio , nariz ou rosto.
- Laceração inexplicada – braços ou pernas inchadas ou doloridas.
- Inexplicáveis dores abdominais, abdômen inchado, vômito constante, zonas mais sensíveis que o comum.

2.3.2.2 Indicadores de Conduta

Estes comportamentos ou condutas podem existir independentemente ou conjuntamente com indicadores físicos.

Demonstração de temor em contatar com adultos evitando-os, fica apreensivo quando outra criança chora.

Apresenta comportamentos agressivos ou de retraimento extremos, não próprios da sua idade e demonstra temor de seus pais.

Na escola se observa uma mudança de atitudes – fraca participação em aula, faltas freqüentes e sem justificativa. Não cumpre os deveres, não leva o material solicitado.

Questionado, fica em silêncio sem dar explicações.

Quase nunca fala de sua casa, sua família, de seus irmãos; sente medo e chora quando abandona a escola.

Pode apresentar um “tic nervoso”, relatar queixas de dores de cabeça, etc... cansaço, falta de higiene e desnutrição, com falta de atenção médica e odontológica.

2.3.3 Mautrato por abandono (negligência)

Consiste na falta de atenção às necessidades básicas tais como: alimentação, vestuário, atenção médica e odontológica, afeta e atenção a suas perguntas e conversas. Aos pais, não interessa saber onde seus filhos passam as horas de lazer, quem são seus amigos e que atividades realizam.

2.3.3.1 indicadores físicos;

- Esfomeado e sujo.
- Sem atenção aos seus problemas de saúde.
- Falta de cuidados, abandono.

2.3.3.2 Indicadores de Conduta;

- O maltrato físico pode ser episódio enquanto o abandono pode ser crônico.
- A criança torna pedinchona, rouba, gosta de ingerir álcool e drogas.
- Na escola passa períodos bem prolongados, chega muito cedo e só vai tarde ou falta à escola; está constantemente cansado, indiferente, desatento ou sonolento em aula, tem problemas de aprendizagem.

É cauteloso no contato físico com os adultos. Apesar de poder estar carente de afeto tem dificuldades de relacionar-se, devido as suas experiências, pois sente que não pode

arriscar-se. É importante que o professor observe qualquer indicador principalmente qual a frequência dos mesmos.

2.3.4 Abuso Sexual

2.3.4.1 Indicadores Físicos;

- Dificuldades para caminhar ou sentar-se.
- Roupa interior com manchas de sangue e rasgadas.
- Doenças venérea, especialmente em pré-adolescentes.
- Equimoses nos genitais externos, vaginal ou área anal.

2.3.4.2 Indicadores de Conduta;

- A criança maltratada por abuso sexual, pode estar tão assustada, que exibirá ou não grande variedade de comportamentos.
- Mantém-se isolado e com condutas infantis ou sofisticadas, com conhecimento sexuais não usuais e com expressões de afeto inadequadas e audácia em suas carícias.
- Mantém uma relação pobre com outros de sua idade e demonstra temor perto de pessoas desconhecidas e não gosta de ser deixada com alguém que não conheça.
- Não gosta de trocar de roupa para fazer ginástica e participar de aulas de educação física.
- Faz relatos de ataque sexual.

2.3.5 Mautrato Emocional (Violência psicológica)

2.3.5.1 Indicadores Físicos;

- Desordem na linguagem.
- Atraso no desenvolvimento físico.
- Fadiga.

2.3.5.2 Indicadores de Conduta;

- Exibe mudanças bruscas em seu comportamento: Comportamento regressivo como “molhar” a roupa ou a cama chupar o polegar, fazer estripulias ou ficar tímido e passivo.
- Tem problemas de aprendizagem que não se pode diagnosticar acertadamente.
- Fica absorvido em si mesmo e sua atenção é vaga.
- É inibido para jogar.
- Apresenta reações psiconeuróticas: histeria, obsessão, compulsão, fobia, hipocondria; transtornos do sono, atitudes anti-sociais de destruição, comportamento sadomasoquista e autodestruição:
 - Busca auto eliminar-se
 - Manifesta extremos:
 - Complacente-passivo
 - Agressivo – exigente
 - Baixa auto-estima.

Nos pais: A conduta e atitudes dos pais, a história de suas próprias vidas, ainda a condição de seu próprio lar, podem ser indicadores da presença de maltrato ou abandono.

O educador poderá observar:

- A preocupação ou a falta da preocupação sobre a criança.
- A busca de soluções ou a negação da existência de um problema.
- Hostilidade ou cooperação.

A seguir apresentaremos uma listagem de características, baseadas em estudos de casos. Esta não tem a pretensão de ser finita, ou seja, muitos outros indicadores podem ser incluídos. A presença de um ou vários indicadores não prova com certeza que existe o maltrato.

2.3.6 Indicador Presente nos Pais Potencialmente Abusivo;

Estas pessoas não desejam ser pais. A mãe nega a gravidez, não quer engravidar, fica com o companheiro e de família.

Desejou fazer um aborto, porém não teve coragem; depois do nascimento da criança os pais não lhe demonstram interesse, não fala com a criança; ficam hostis, não lhe dão conforto. O pai ou a mãe sente ciúmes do tempo que o outro fica com a criança.

2.3.6.1 Características dos Pais Abusivos;

- Parecem desinteressados sobre a criança.
- Enxergam a criança como malvado.
- Oferecem explicações lógicas, não convincentes, contraditórias ou não as tem, quando por exemplo a criança está machucada.
- Tentam ocultar as lesões da criança e proteger a identidade do responsável.
- Aplicam uma disciplina inadequada a idade e condição da criança demonstrando-se áspero, irracional.
- Foram abusados quando crianças e/ou exageradamente exigidos.
- Não podem dominar seus impulsos, são compulsivos.
- Possuem uma personalidade rígida, com falta de afeto.

- Demonstram fortes sentimentos de passividade e dependência.
- São emocionalmente imaturos.
- Não recorrem aos sistemas de ajuda social.
- Estão casados com pessoas que suportam o abuso com passividade.

2.3.6.2 Características dos Pais Que Abandonam Seus Filhos;

- Podem ter uma doméstica caótica.
- Vivem em condições inseguras, por exemplo: sem alimentos, sem trabalho etc.
- Podem consumir drogas e álcool.
- Podem ter impulsos individuais para conseguir gratificação imediata sem pensar nas conseqüências.
- Suas experiências geralmente não são exitosas.
- Tiveram necessidades emocionais que não foram conhecidas por seus pais.
- Sua auto-estima é baixa.
- Tendem a ser passivos; não apresentam motivação para trocar de vida.

2.3.6.3 Características dos Pais Abusadores Sexuais;

O abuso sexual geralmente é intrafamiliar e ocorre entre um adulto masculino mais freqüentemente (o pai ou o companheiro da mãe) e uma menina que vive na mesma casa. Estes pais podem:

- Ter diminuído sua auto-estima.
- Viver numa casa com pouco espaço.
- Ter exigências conjugais negativas.

- Estar vivendo com um (a) companheiro (a) que tenha um filho de união anterior que não lhe aceitam como filho.
- Abusar de bebida alcoólica
- Apresentar falta de contatos sociais e emocionais fora da família
- Estar isolado geograficamente
- Ser ciumento e proteger exageradamente a criança
- Devagar inicia o contato sexual com a criança através de abraços e beijos que mais adiante se converteram em carícias nas regiões genitais; em contato genital e ou oral genital.

Normalmente no caso da mãe esta é conhecedora do abuso sexual, porem ignora-o por temer a dissolução do lar, a perda do suporte econômico (quando o abusador é o mantenedor do lar) bem como o medo de perder o companheiro.

CAPÍTULO III - ESTABELECENDO DIFERENÇA ENTRE: DESÍGNIO DE DEUS E VIOLÊNCIA

A exemplo de Marcião existem muitas pessoas leigas e até mesmo teólogos que têm dificuldade de aceitar o antigo testamento. Pois consideram o Deus do A.T, vingativo e sanguinário, o que O enquadraria como um Deus violento.

É necessário entendermos que as leis existem e precisam ser observadas e obedecidas. Quando estes dois princípios básicos são transgredidos, sem dúvida alguma sofreremos as conseqüências mesmo que não estejamos diretamente envolvidos no processo que gerou o fator transgressor.

O apóstolo Paulo escrevendo à Igreja de Gálatas, exorta aos irmãos daquela cidade sobre a lei da sementeira; digo eu: uma lei natural e de fácil assimilação, precisamente no capítulo seis versículo sete ele diz: “não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear isso também ceifará.”

Vejamos alguns conceitos de violência.

O Minidicionário da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno, publicado pela FTD, define: Violência, s.f., qualidade de violento; ato violento; ato de violentar; agressão.

A Pequena Enciclopédia Bíblica, de Orlando Boyer, do Instituto Bíblico das Assembléias –Pindamonhangaba, São Paulo, dá a seguinte definição para violência: “Força que abusivamente se emprega contra o direito. Já as Enciclopédias Barsa e Mirador não trazem definição para a palavra violência; no entanto, ambas definem agressão.

O estudo psicológico da agressão tem interessado a numerosos pensadores de áreas e orientações diversas. Quer no campo teórico –experimental, quer no prático- aplicado das

disciplinas psicológicas contemporâneas. Como problema primeiro de grande importância, a agressão é assunto de âmbito pluridisciplinar e pluri-institucional, não se restringindo pois, à psicologia. Decisiva e freqüente nas interdições humanas de todos os dias, manifesta-se também sob diversas formas de ameaça e punição, ofensa moral e dor física, sadismo e masoquismo, delinqüência e crime

Histórico, estudada pela História e pela Filosofia moral, religiosa, política e social, desde as mais antigas civilizações. Foi e continua sendo questão prioritária para as diversas instituições sociais, das mais antigas e primitivas, às mais modernas e sofisticadas que se empenham fundamentalmente em seu controle de desvio. A agressividade observada no comportamento da maioria dos animais conhecidos destacava-se pelo seu valor de sobrevivência em algumas espécies, bem como por suscitar intensas emoções de medo, também facilmente no comportamento da maior parte dos animais. Por serem numerosas, as semelhanças assimiladas entre o comportamento agressivo de animais e humanos, acentuou-se o interesse despertado pelo tema entre outros cientistas naturais e sociais, em especial o criador da Teoria da Evolução, Charles Darwin.

Quero tecer o meu comentário à partir do evolucionismo; ainda que alguns instrumentos jurídicos tenham o poder de legalizar algumas situações, talvez com o fito de minimizar a violência no âmbito familiar, a justiça não criou nenhum mecanismo capaz de aplacar os sentimentos das pessoas enganadas ou traídas em suas relações conjugais. Enquanto escrevia este capítulo, ouvi no noticiário de uma rádio bastante popular aqui em Salvador um crime provocado por ciúme. O agressor, armado com uma faca partiu para cima da vítima e esta indefesa pegou o seu filhinho de 9 meses na tentativa de sensibilizar o agressor, o que não surtiu efeito. O mesmo arremeteu-se contra mãe e filho e cravou a faca na cabeça da criança com tanta violência que a ponta da faca saiu na nuca da pequena vítima.

O que queremos deixar claro é que não se justifica nenhuma violência praticada em nome do amor ou da espiritualidade do indivíduo. Teologicamente, principalmente partindo-se dos pressupostos cristãos, quem ama dá a vida, sacrifica-se, compreende, suporta. No entanto, se a relação tornar-se insuportável, o recurso bíblico recomenda o divórcio. E eu recomendo o divórcio amigável ou consensual. Se as condições são adversas, que não permitem a convivência de duas pessoas como cônjuges, porque não romper os laços conjugais e passar a viver como amigos? Fazer do casamento uma sentença condenatória é também violência, portanto uma agressão, e toda espécie de agressão é prejudicial ao ser humano e conseqüentemente uma ameaça contra a paz.

Os antropomorfismos bíblicos colocam Deus como vingador, agressor violento e até sanguinário. Deus sabe a hora certa de agir. Nós humanos agimos sobre o efeito de fortes emoções que nos leva á cegueira causada pela ira que pode conduzir qualquer ser humano sobre esses fortes efeitos, chegarem aos distúrbios do comportamento normal e suportável para o convívio social. Em outras palavras, levam às loucuras do ciúme, de amor, de paixão, levando-os às práticas nefastas e condenáveis que infelizmente passou a fazer parte do nosso cotidiano atingindo maciçamente também os lares cristãos.

3.1 O Amor e a Justiça de Deus não falham

“O Senhor põe à prova ao justo e ao ímpio; mas ao que ama a violência, a sua alma abomina.

Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice.

Porque o Senhor é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face. “ (sl.11 vs.5-7 Bíblia Sagrada)

Destacamos logo no versículo 5 do Salmo 11, um tratamento igualitário para ímpios e justos; o Senhor coloca ambos à prova. O segundo destaque não refere-se nem ao justo nem ao ímpio; mas. Aos que amam a violência. Existe algo intrigante neste escrito do

hagiográfico judeu, que merece uma reflexão mais detida e acurada. Tem pessoas que AMAM A VIOLÊNCIA e partindo deste pressuposto faz-se necessário a existência de um antídoto para desconstruir, ou ressignificar este sentimento mórbido e repudiável.

Quando as coisas extrapolam e o clamor da impiedade, da perversão e de toda forma de violência predominam, é que entra a justiça de Deus. E é nesta hora que a falta de conhecimento bíblico e a ausência de uma hermenêutica exegeticamente trabalhada, contemporizada, contextualizada e psicanalítica usando a linguagem ricoeuriana.

Ricoeur propõe o uso das noções de diacronia e sincronia do estruturalismo para o estudo das questões da temporalidade. Mas logo adverte que o contato aqui da hermenêutica, disciplina filosófica, como o estruturalismo, disciplina científica, deve ser cuidadoso. O estruturalismo se distancia, objetiviza. A Hermenêutica se envolve para compreender.⁵

Pode nos conduzir a por em dúvida a equidade divina. Quero no entanto fazer o terceiro destaque: para os que amam a violência Deus abomina. A palavra hebraica traduzida para o português é TEOBHAH que de acordo com vários textos bíblicos trazem significados diferentes, porém similares. No entanto, no Salmo 11 para os amantes de violência, abominar significa repelir com horror, com tragédias, com fatos que impactam os seres humanos, homens e mulheres, idosos ou jovens, que amam a violência. “horível coisa é cair na mão do Deus vivo” (Hebreus 10.31 Bíblia Sagrada)

Portanto Deus não é violento. O operar e o agir de Deus aponta para uma realidade de que Ele mantém a sua supremacia e está sobre o controle de todas as coisas inclusive da vida, da morte e da ressurreição.

5 (FRANCO, Gouvêa, Sérgio de. *Hermenêutica e Psicanálise na Obra de Paul Ricoeur*, p.85).

“Não roubes ao pobre, porque é pobre, nem oprimas em juízo ao aflito, porque o Senhor defenderá a causa deles e tirará a vida aos que despojam. (prov. 22: 22-23 Bíblia Sagrada)

3.2 O Amor e a Justiça Humana são Falhos

“Mas todos nós somos como o imundo e todas as nossas justiças, como trapo de imundícia todos nos murchamos como a folha e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam” (Isaías 64; 6 Bíblia Sagrada)

“Dai volta às ruas de Jerusalém; vede agora, procurai saber, buscai pelas suas praças a ver se achais alguém, se há um homem que pratique a justiça ou busque a verdade e eu lhe perdorei a ela” (Jeremias 5.1 Bíblia Sagrada)

Toda a terra agoniza com esta situação violenta que estamos a enfrentar. O que não podemos é deixar que as questões vinculadas a esta natureza seja de uma forma simplória ou cômoda para o mundo eclesiástico, cruzar os braços e dizer: são os desígnios de Deus; é o fim dos tempos; é a “multiplicação da iniquidade e o esfriamento do amor”. Em parte, concordo. E na maior parte discordo. Pois se somos o povo que vivemos pela fé, que aguardamos as promessas de Deus, e cremos na revelação do Verbo Divino, no Seu nascimento, na Sua morte para remissão dos pecados da humanidade, cremos na Sua ressurreição e aguardamos a Sua vinda; se não cremos mais no seu poder regenerador para transformação de vidas, então o evangelho de Cristo, está em crise.

Podemos perceber que há um afrouxamento no papel da Igreja, observando os casos e fatos que trouxemos para este trabalho, bem como a pesquisa realizada. Entrevistei cerca

de quarenta mulheres de denominações diferentes, embora, não tenha sido fácil pois houve resistência tanto dos pastores, como da membresia das Igrejas. Nas primeiras tentativas eu me dirigi aos pastores e as respostas foram que “isto é muito complicado” ou “isto é anti-ético”, “não devemos mexer com o que não podemos dar jeito” e ainda “aqui no mundo não vivemos em completa paz”.

“O sonho não é real, mas é real”. Parafraseando; a violência no âmbito cristão eclesial não é real, mas é real.

Eu já tinha dados escritos, pesquisado na Rede, publicado em livros e revistas, relatórios de ONGs, B.O (boletim de ocorrência da delegacia da mulher) informações do Ministério da Saúde, da OMS, das PLPs, enfim, informações de várias procedências que traziam, e trazem indicadores de que mulheres evangélicas também sofrem da violência intra-familiar

Foi no dia 8 de março de 2007, que ao ser convidado por um grupo de mulheres cristãs para fazer uma palestra sobre o Dia Internacional da Mulher, que resolvi reunir fragmentos desses documentos e numa tarde consegui mostrar de forma irrefutável que a violência intrafamiliar a muito tempo invadiu nossas igrejas.

E eu, como pastor evangélico reconheço a importância do trabalho feitos por psicanalistas, psicólogos e policiais, no entanto, creio que como clérigos, de uma forma geral, precisamos encarar estes fatos como uma realidade à ser trabalhada com dedicação e seriedade principalmente no meio eclesial cristão. Não devemos somente esperar em Deus, nem tampouco viver as farsas de instituições falidas que precisam ser mantidas por questões sociológicas ou teológicas.

Precisamos lembrar que uma das coisas que foi tratada com muita dureza por Jesus Cristo na sua caminhada terrena foi a hipocrisia.

Uma das expressões relatadas nos casos onde mulheres são agredidas por seus maridos e companheiros foi “morte psicológica”. A mulher que já morreu psicologicamente, mesmo sendo cristã já abriu mão até das promessas de Jesus Cristo, quando diz: “Eu vim para que tenha vida e vida abundante.”

Morta psicologicamente fica exposta para que o espancador façam com que o desejo dela seja o seu próprio desejo. O mesmo com os sonhos.

É dessa forma que refiro-me a frouxidão da Igreja, pois somos equipados de extenso material didático-educativo nos princípios bíblicos de Gênesis à Apocalipse. Ensinaamentos para nos desviarmos da dupla personalidade ou pobreza de caráter (“O homem de coração pobre é inconstante em todos os seus caminhos” Tiago 1.8). Assim, a Igreja que deveria manter o seu caráter terapêutico, tem aninhado e produzido um numero bastante grande de esquizofrênicos que vivem uma mística espiritual sem ter elementos para viver a abundância proposta por Jesus Cristo.

E nesta esquizofrenia, descambamos para outras enfermidades de ordem psico-social que alastram-se veementemente dentro das comunidades evangélicas cristãs.

Fica mais cômodo para os líderes eclesiásticos apenas justificarem nas predicas e sermões - as profecias estão se cumprindo ! São os desígnios de Deus – Desta forma, fugimos à nossa responsabilidade de “não conformamos com este mundo, mas de transformá-lo pela renovação da nossa mente para que comprovemos qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Carta do Apóstolo Paulo escrevendo à Igreja de Roma - Romanos 12.2)

Portanto, nos desígnios de Deus há uma forma boa, agradável e perfeita de se viver sem violência. Talvez o que impede que vivamos esta vida, é que isto demanda um trabalho

que requer esforço, disciplina, dedicação, submissão e renúncia, acompanhados de preparo a aprovação divina.

Paulo escrevendo a Timóteo adverte: “procure apresentar-te a Deus aprovado como obreiro que não tem de se envergonhar, que maneje bem com a palavra da verdade”(II Timóteo 2:15)

Esta recomendação deixa subtendido que para alguém estar aprovado antes submeteu-se à prova. Para assim ser capaz de ser um orientador e condutor de pessoas que carecem de ajuda nesta área tão importante e sensível que é o relacionamento intrafamiliar

Não vou fazer “vistas grossas” ou querer “encobrir o sol com uma peneira”, como diz o ditado. É claro que está escrito que o inimigo do homem está em sua própria casa; que o primeiro homicídio da terra aconteceu no ambiente familiar. (Caim e Abel).

Porém fica também claro e evidente que se nós como povo de Deus não fizermos nada para a mudança desse quadro seremos coniventes partícipes, e acima de tudo, estaremos pecando. Aquele pois que sabe fazer o bem e não o faz comete pecado. (Tiago 4:17)

“Ora o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exerciam a paz” (Tiago 3:18)

“O fruto da justiça será paz. E o resultado da justiça será tranquilidade e confiança para sempre” (Isaías 32:17)

Creio que estes princípios não foram somente para o povo de Israel ou para as nações ou para as grandes cidades ; estes princípios aplicam-se às Igrejas e às famílias cristãs. E por que não ao indivíduo também?

CAPÍTULO IV – ALTERNATIVAS

Não ficaria confortável tratarmos de um assunto tão delicado e, deixar somente em forma de denuncia ou simplesmente declinar sem sequer apontarmos para algo solucionável para a problemática da violência intrafamiliar. E se não for solucionável, que seja atenuante ao praticar-se a violência intrafamiliar, as portas se fecham e os volumes dos aparelhos de som são aumentados. Esta prática foi utilizada durante o período da ditadura militar no Brasil. Oficiais da Polícia e do Exército espanhol especializados na nefasta prática de tortura a seres humanos, vieram ao Brasil para torturar e ensinar e a mesmo tempo ser instrutores de policiais brasileiros que tornaram-se torturadores dos revolucionários da época estigmatizados de subversivos.

O Brasil aprendeu esta triste lição as Igrejas também aprenderam algumas destas práticas repudiáveis e condenadas por qualquer sociedade que ainda conserva o mínimo de lucidez. Leonardo Boff, em seu livro “Virtudes Para Um Outro Possível” no capítulo que fala sobre “a convivência”, começa da seguinte forma: “A hospitalidade abre a porta e acolhe”. Parafraseando, a inospitalidade fecha a porta e recolhe. Quantos desencontros familiares aconteceram acontecem e ainda vai acontece pela falta de respeito ao outro simplesmente por ser o outro ou ser diferente em alguns aspectos já, que diante de Deus somos todos iguais, Deus criou homem e mulher à sua imagem e semelhança (gênesis 1.27) autênticos livres autônomos sem cerceamento de pensar, sonhar, construir, aventurar, acertar, errar, consertar, construir enfim livre para o exercício de todos os seus direitos e deveres que lhe são peculiares e inalienáveis. No entanto as estratificações étnicas, sociais, econômicas raciais bem como de gênero, criou uma série de medidas que deturpam e destroem aquilo que há de mais precioso e sagrado que é o ser humano.

Ainda refletindo com o pensar de Leonardo Boff, trago à baila mais algumas das suas palavras que por certo nos ajudará a construir um novo significado para as mesmas pois acredito que quando um pensador e escritor investe o seu tempo em alguma pesquisa ou causa de interesse e bem comum, o seu desejo é que essas produções sejam exploradas

até a exaustão ou até obtenhamos êxito para atingirmos os propósitos pretendidos e destinados.

“A convivência permite sentir juntos, coexistir e intercambiar”. Quero chamar a atenção para a palavra **permite**. É esta falta de permissão que geralmente é negada aos menos privilegiados em qualquer um dos sentidos que já abordamos anteriormente. O que pode mais fica em pé e o que pode menos fica sentado e então é obrigado ou abrigada a aceitar as regras e condições impostas por ele ou por ela, sem sequer ter o direito de coexistir, sentar ou intercambiar restando apenas duas alternativas: aceitar ou aceitar.

4.1 O que fazer para mudar esse quadro.

A solução seria a quebra de velhos paradigmas que herdamos dos grandes impérios, onde o homem (o macho) era tido como figura superior e conseqüentemente divinizado, ovacionado, recebido e acolhido como senhores absolutos, pois as suas situações econômicas aliadas ao poderio bélico, faziam com que eles se tornassem senhores da humanidade e, conseqüentemente a mulher era relegada a segundo plano passando a figurar como um ser de segunda classe tal qual figuras decorativas ou matrizes parideiras. Estes modelos do passado até hoje repercutem em nosso meio, deixando suas marcas que ainda respingam sobre os dias atuais. Nós homens ainda não aprendemos a lidar com a igualdade e o direito das mulheres. São elas que galhardamente tem lutado e conseguido às duras penas reconquistar o lugar de honra e destaque dantes lhe outorgado pelo Criador da humanidade que fez todos iguais perante a Sua supremacia e poder.

4.2 A Estratificação Social

A sociedade foi estratificadas por classes: As classes menos privilegiadas, bem como as menos afortunadas passaram a ter um tratamento diferenciado para pior e este tratamento desceu ao nível da desumanidade as formas de como a educação a saúde e alimentação dessas classes são vivenciadas, não podemos achar um adjetivo próprio para classificá-la. No entanto na precisamos ir longe para verificarmos se o que estou a escrever se é real ou verdadeiro. Qualquer cidadão ou cidadã de classe média se predispor a tirar um

único dia da semana para observar as periferias do bairro onde mora, irá presenciar seres humanos rasgando sacos de lixo para pegar restos de alimentos para comerem, irão presenciar um numero enorme de pessoas dormindo nas ruas e embaixo de viadutos e cobrindo-se com jornais se for a um hospital da rede publica irá presenciar filas para atendimento médico que começam a se formarem no dia anterior para puder conseguir as fichas para marcar uma consulta que irá acontecer um trimestre ou semestre depois a depender do exame (alguns morrem antes de ser atendido) . este é um quadro o qual considero também como violências contra os menos afortunados e que sem dúvida tem um grande reflexo na violência intrafamiliar. Os menos afortunados recebem um tratamento desumano pois as pretensões dos políticos gananciosos e alguns que além de gananciosos são desonestos estão tão somente preocupados na construção das suas fortunas que cria uma pequena classe de bem afortunados gozando dos mais altos e sofisticados privilégios em detrimento de uma maioria que sobrevive na rasa linha da pobreza alguns abaixo da linha da pobreza e outros na miséria. Isto também é violência! Estes e estas foram violentados nos seus direitos mais elementar capaz de proporcionar o mínimo de dignidade a essa grande massa sofrida e aviltada que serve apenas para enriquecer o sensacionalismo da mídia escrita e falada que tem no seu foco principal o aumento das audiências e as vendas de jornais e revistas. Esta é uma realidade que trago para minha dissertação como um alerta para este extrato social que não está nem pouco preocupado com as questões que acabo de enfocar e sim o foco volta-se para venda dos seus produtos e o aumento das audiências em sus redes de televisão que aliena bem mais do que conscientiza.

4.3 A Influência das Igrejas

As Igrejas também por sua vez copiaram algumas das desastradas práticas de violência da ditadura militar. Se bem que antes da ditadura as igrejas tinham um passado sangrento e pouco recomendado para os ensinamentos de Jesus Cristo que nos ensinou a dar a vida pelo nosso próximo e nunca matá-lo. Portanto podemos afirmar sem nenhum

medo de errar que qualquer prática religiosa feita em nome de Jesus que oprima e aflija o ser humano é condenada e digo até abominável por Deus.

Com a pontuação destes três elementos apresentados não pretendemos com isto apresentar uma bula para solucionar as causas da violência. No entanto pretendemos fazer uma convocação a todos e todas que se incomodam com mal denominado “chaga social” que chegou a hora para agregarmos todo esforço possível para lutarmos contra este mal que antes nos rodeava e agora atinge o âmago da sociedade que é a família por isso o nosso apelo é feito para toda a família que de forma direta ou indireta já sofreram alguma espécie de violência, a nossa proposta é que este assunto torne-se discussão para salas de aula para escolas dominicais, para as sociedades de bairros, para os clubes de esportivos enfim queremos que este seja um assunto que envolva a sociedade como um todo e, não fique somente nas mãos dos exploradores que se valem até da miséria e dos sofrimentos dos menos privilegiados para dessa forma ampliarem as suas fortunas quebrems o tabu e vamos todos à luta contra a violência familiar

CONCLUSÃO

A minha dissertação teve o seu escopo todo montado numa polissemia. No entanto me vi diante de um tema que á medida em que eu juntando as peças da qual esta dissertação é composta, dava-se a construção de uma cadeia lógica bem como um desenrolar de fatos que, a cada passo que eu dava e compartilhava com alguém , o desejo de trabalhar com a violência intrafamiliar no âmbito eclesiástico cristão, comecei a receber material e informação de várias procedências, o que me deixou surpreso ao ver que antes de mim já tinha muitas pessoas físicas e jurídicas ocupadas e preocupadas com este assunto. Portanto eu percebi claramente que não se tratava de algo inédito; mas algo que já vem sendo trabalhado com profunda dedicação e seriedade que o assunto em pauta requer. Daí o meu trabalho encontra-se carregado de citações pois desta forma eu encontrei subsídios para minha fundamentação bem como argumentação, trazendo à baila pessoas e instituições que já vêm trabalhando nesta causa me percebi de certa forma aliando-me a elas e as enaltecendo bem como encorajando-as a continuarmos a lutar por uma tão nobre que chamamos de paz. No entanto como poderemos construir paz se o maior campo de batalha acontece dentro dos próprios lares. E aqui vai a agravante; dentro dos lares cristãos. Tivemos a oportunidade de visitarmos algumas organizações no Rio Grande Sul no período em que realizávamos o MPE e pudemos ver de perto algumas realidades tangentes ao assunto vinculado á violência intrafamiliar. E pudemos perceber que os efeitos podem obter-se resultados imediatos mediatos e a longo prazo. Dependendo de como se deu a violências onde aconteceu, em quais circunstâncias, quais as faixas etários de agredidos e agressores enfim série de elementos que irão se juntando e mais cedo ou mais a explosão irá acontecer de forma tão plúrima capaz de dor de cabeça aos mais experimentados especialistas no tratamento comportamental da natureza humana. No dia 18 de Agosto de 2006 em Porto Alegre ouvi na alocução de uma das suas diretoras: “o CECA é um organismo ecumênico. No entanto atende na sua maioria mulheres advindas das igrejas evangélicas cristãs”.

A Revista Eclésia, edição 117 ano 11, publicou a seguinte matéria com o título:

“SOMOS EVANGÉLICOS MAS ELE ME ESPANCA ⁶”:

“O soco no queixo que derrubou Tereza, 33 anos, sobre os armários da sala, também jogou-a nas estatísticas que caracterizavam uma mulher agredida no Brasil a cada quinze segundos. Tereza não sabe disso, nem se importou em contar quanto tempo durou a primeira surra. A única coisa que lhe vinha à cabeça era um arrependimento e uma frustração. Casada com Pedro e natural do Rio de Janeiro, ela havia se mudado para São Paulo acompanhando o marido, que buscava uma oportunidade de emprego na área de enfermagem. Evangélicos frequentadores de uma igreja Pentecostal na Zona Leste da capital, ela achava que tudo iria se ajeitar. Foi quando viu seu marido conversando com uma desconhecida, que se sentava bem à vontade no capô do carro do casal – “Fui perguntar quem era e como resposta recebi um soco” – relembra. Além da agressão ela foi trancada em casa e proibida de sair. Era um início de um ciclo de violência de todos os tipos: físicos, psíquicos, morais e sexuais. Tereza teve forte depressão: “não entendia porque isso estava acontecendo comigo. Não tinha vontade de fazer mais nada”.

Já na igreja, tudo parecia ir muito bem. Atuante, Pedro é um dizimista fiel, serve a Santa Ceia, lidera o grupo de missões, participa dos encontros de coordenadores e é bem visto pela liderança. Mas em casa se transforma: humilha e agride a esposa. “Ele me obriga a praticar sexo oral e anal. Sei que isso não agrada a Deus. Não sei o que fazer. Se não faço, ele me ameaça”, conta em meio às lágrimas.

Tanto o nome dela quanto o dele, assim como das demais vítimas que contam suas histórias nessa reportagem são fictícios uma exigência da justiça. Porém suas histórias são dolorosamente verdadeiras. Afinal, longe de ser exceção, casos como de Tereza são comuns no Brasil. Os dados de um levantamento realizado pela fundação Perseu Abramo em 2001

apontam para um número mínimo de 2.1 milhões de mulheres espancadas por ano. A cada cinco mulheres uma já foi vítima de agressão doméstica.

Apesar de várias pesquisas realizadas por organizações não governamentais (ONG's) que atuam na defesa dos direitos da mulher, não mensurarem a religião das vítimas, é inegável que muitas famílias dentro da igreja evangélica vivem este drama. Prova disso é a Casa de Isabel, um centro de apoio a mulheres vítimas de violência, localizada no bairro de Itaim paulista, zona leste da cidade de São Paulo, que é dirigida pela pesquisadora Sônia Regina Maurelli, 45: “Posso dizer que mais de 90% das mulheres que procuram a Casa de Isabel são evangélicas. Na grande maioria membros de igrejas pentecostais” - revela a pesquisadora, que também frequenta uma igreja pentecostal, cujo nome não quis revelar.

Ela é enfática ao analisar a importância que as igrejas protestantes dão ao problema da violência contra a mulher. “nenhuma . As igrejas com raras exceções , não dão importância a essa questão” critica. Sônia acredita que os métodos usados por evangélicos para trabalhar nos relacionamentos como os populares encontros de casais, são pouco eficazes na diminuição do problema . “se fosse assim, não haveria tantas mulheres crentes aqui”. Para ela, é preciso abrir um espaço nas igrejas, em que temas que envolvem a família possam ser discutidos. “é necessário uma mudança radical. É preciso criar reuniões em que as famílias possam abrir seus problemas. Um fim de semana viajando não resolve”

Nas dependências da Casa de Isabel, é fácil encontrar grupos de mulheres com a bíblia aberta, senhoras murmurando corinhos cristãos e até mesmo a música no rádio da recepção, tocando canções evangélicas. - “toda nossa diretoria é evangélica e a maioria das funcionárias também” - explica a dirigente que considera seu trabalho uma espécie de ministério.

E realmente não difere muito. É na sala de Sônia que chegam histórias como a de Joana, 28. desde criança ela carregou uma terrível herança : foi vítima de abuso sexual de seu pai biológico. “Até hoje tenho pesadelos com isso”, – conta muito emocionada. Quando casou com André, achou que o ciclo de violência havia cessado. Evangélico, membro de uma igreja neopentecostal, ele parecia ser um modelo de marido e pai. Tiveram cinco filhos. Mas o relacionamento começou a se complicar e Joana passou a dormir na casa dos fundos à sua, onde morava sua mãe. Uma noite, ouviu seu bebê chorar - ele dormia com os demais filhos do casal e o pai: “Fiquei muito preocupada, mas meu marido dizia que eu estava louca e que não devia incomodá-lo”. Dias depois, a sua filha de cinco anos contou que o pai a assediava e também molestava o bebê à noite. O mundo de Joana desabou. “não entendo como ele pode fazer isso. Ele disse que era doente , me pediu perdão. Mas o expulsei de casa.”

ASSÉDIO NA IGREJA ⁷

Traumatizada também ficou dona Inês, 51, membro de uma outra igreja pentecostal em São Paulo. Vítima em casa de agressões do marido, que vivia em estado de embriaguez , ela pensou que fosse encontrar na igreja uma ajuda para o problema. Começou um curso de teologia, mas a esperança acabou dando lugar ao medo. O professor começou a assediá-la. “ele dizia para eu ligar caso tivesse dúvidas. Depois começou a me cercar e tentou me agarrar diversas vezes, me abraçando por trás” - lembra ela , que recebia ligações durante as madrugadas e ouvia propostas indecorosas do professor, também o principal auxiliar do pastor titular da igreja.

Inês não sabia o que fazer. Confidenciou o problema a uma amiga do círculo de oração e o assunto chegou aos ouvidos do pastor responsável pela denominação. Ao saber que o pastor iria conversar com Inês, o professor apressadamente pediu para ela negar tudo, senão ele iria dizer para todos que ela estava louca.

Ela negou mas depois não agüentou o assédio, voltou, e contou tudo ao pastor. “o pastor me disse que só não me excluiria por que eu fazia muitos trabalhos na igreja”. O assunto chegou no ouvidos de todos na igreja e muitas irmãs se afastaram de Inês. “Eu

passsei a ser encarada como adúltera; virei motivo de piada. Tudo isso por que ele – o professor de teologia – falava bem era amoroso e dedicado dentro da igreja. Fora porém era outra pessoa” - comenta ela, que deprimida , precisou ser encaminhada para a Casa de Isabel.

A LEI MARIA DA PENHA ⁸

O projeto de lei 037/2006, sancionado pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em agosto, triplicou a pena para agressões domésticas, e aumentou os mecanismos de proteção das vítimas. O marido que bater na mulher poderá ser preso em flagrante, cumprir pena de até três anos e perder o direito de visitar os filhos ou entrar em casa. O pagamento de multas ou cestas básicas - o que vinha sendo admitido até agora - não pode mais livrar o agressor da prisão. Com isso, as autoridades esperam que as mulheres tenham mais coragem para denunciar seus agressores.

A nova lei foi batizada de ‘Maria da Penha’, Maria, 60, vítima de violência doméstica, que lutou por duas décadas pela condenação do ex marido, um professor universitário, enquanto dormia. Depois de quatro meses internada, quando voltou do hospital, ainda foi submetida a choques brutais no chuveiro. O agressor foi preso apenas em 2003 e hoje responde processo em liberdade.

Esta lei fruto do Projeto de Lei 037/2006 sancionado pelo presidente da República do Brasil, o Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, leva o nome de uma vítima que não silenciou mais lutou incessantemente por 23 anos até conseguindo com está Lei, triplicar as penas para agressões à mulher.

Ao concluir este trabalho não quero usar da hipocrisia ou lisonjas irreais de que a mulher é mais isso ou aquilo não quero maximizar o valor feminino, nem minimizar o valor masculino. Para desta forma agradas as mulheres e desagradar os homens; mas quero, concitá-los a refletirmos sobre uma possibilidade de vivermos uma vida com mais respeito, mais dignidade e responsabilidade; tanto diante dos homens, como também de Deus que

criou homem e mulher à sua imagem. Portanto se somos iguais perante aquele que nos criou, não podemos ser diferentes diante da criatura, estabelecendo superioridade em decorrência de raças, classes sócias, etnias, classe econômica credo, cor ou sexo. Para o criador somos todos iguais.

A ordem bíblica de dominação é a seguinte: Deus os abençoou, e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! DOMINEM sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra”. (Gênesis 1.28), a ordem é dada aos dois mulher e homem que dominem todos os animais e todas as aves. Tudo que se move sobre a terra; não existe ordem para que um domine o outro. As ordens imperativas que encontramos nos ensinamentos neo-testamentário é: amai-vos uns aos outros, consolai-vos um aos outros, suportai-vos uns aos outros, compreendei-vos uns aos outros, perdoai-vos uns aos outros. Todos esses imperativos declinam para a realidade de que vivemos com problemas; esta série de imperativos convoca-nos a sermos hábeis quanto estivermos em frente a eles, que saibamos viver buscando as melhores e mais civilizadas formas de resolução como por exemplo:

Administrar os conflitos sem deixá-se ser avariado ou destruído pelos mesmos.

“portanto, como povo escolhido de DEUS, santo e amado, revistam-se de profundo compaixão, bondade, humildade mansidão e paciência”.(Colossenses 2.12).

Estes são muitos dos ingredientes que a Escritura Sagrada está completamente recheada para nos ensinar o combate à violência. Além da recomendação bíblica sobre o que devemos ter domínio, para vivermos bem em todos os aspectos, a maior fera que precisa ser dominada, somos nós mesmos. Somente deste forma poderemos viver socialmente, eclesiológicamente, familiarmente ou em quaisquer outros segmentos da sociedade sem nos agredirmos e sem sermos violentos, bem como fazer a nítida diferenciação entre ser enérgico e ser violento.

BIBLIOGRAFIA

ALDRAVANDI, Elaine Orpheu Cabral. **Nos Passos da Violência**. Edição e distribuição. Capivari – SP. Editora EME – 1997

BOFF, Leonard. **Virtudes para um outro mundo possível**. Ed. Vozes, 2006, 2v.

CAMPOS, Marinês - Jornal da Tarde -**Mulheres protestantes, agredidas em nome de Deus, pedem ajuda**. MONTFORT Associação Cultural

disponível em:

<<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=brasil&artigo=20060308p&lang=bra>> acesso em: 15 mai. 2007

FRANCO, Gouveia, Sergio de. **Hermenêutica e Psicanálise na Obra de Paul Ricoeur**. Ed. Loyola: São Paulo-Brasil, 1995

HAMMES, Lúcio Jorge: **Curso de Educação para a paz**, Porto Alegre-Rio Grande Do Sul, 2006

PRADO, Carlos Luiz. **Amor & Violência nos casais e nas famílias**. Editorado e Impresso na Gráfica da UFRGS. 2004

REVISTA ECLÉSIA, edição 117 ano 11. Textos extraídos: **Somos evangélicos mas ele me espanca, Assédio na Igreja e A lei Maria da Penha**. Filiada à Associação de Editores Cristãos (ASEC) ANO-XI. **Eclésia** é uma publicação mensal da Editora Eclésia Ltda. Av. Liberdade, 902, São Paulo –SP (www.eclasia.com.br)

SOUZA, Marli Olina de. **Alocução sobre maus tratos** – EST-IEPG., 25 de jan. 2007

WALKER, Lenore. **The Cycle Theory of Violence**. (USA) Tradução e resumo pela Casa de Cultura da Mulher Negra publicado no livro **Violência contra a mulher, uma questão de Saúde Pública** – 1999

Apêndice

Em pesquisa realizada na Cidade de Salvador, Estado da Bahia, Brasil, no mês Março de 2007 onde entrevistamos dez mulheres na faixa etária de 27 a 60 anos de idade procedentes das seguintes igrejas: Batista, Metodista, Anglicana, Presbiteriana e Pentecostal, obtemos os seguintes resultados:

Pergunta-01: Você admite que exista violência no meio eclesial cristão?

As dez pesquisadas responderam positivamente.

Pergunta-02: O que você considera violência?

As dez responderam: toda forma de abuso de ordem moral, física ou psicológica.

Pergunta-03: Diga o que você considera violência intrafamiliar.

Uma não deu resposta, seis responderam: brigas, xingamentos, assédio moral, assédio sexual, falta de amor e falta de carinho. Três deram respostas similares às seis anteriores, acrescentando falta de diálogo bem como a falta de respeito.

Pergunta-04: Diga o que você considera violência no meio familiar cristão?

As dez pesquisadas, deram a mesma resposta da pergunta número 02.

Pergunta-05: Você conhece ou conheceu algum caso de violência em que foi preciso a intervenção de terceiros?

As dez responderam positivamente.

Pergunta-06: Você conhece ou conheceu algum caso que necessitou de intervenção policial?

Quatro responderam positivamente e seis responderam alguns.

Pergunta-07: Você conheceu ou conhece algum caso que necessitou de intervenção médica?

As dez responderam positivamente.

Pergunta -08: Você conheceu ou conhece algum caso que tenha deixado alguma espécie de trauma?

As dez responderam positivamente.

Pergunta-09: você conheceu ou conhece algum caso que tenha causado trauma físico ou morte?

Duas responderam sim e oito responderam não.

Pergunta-10: Você já foi vítima de alguma espécie de violência doméstica? (Não precisa especificar).

Nove responderam positivamente e uma negativamente.